

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

Pedro Henrique Marques

**Ideologia dos brasileiros e o voto para presidente em 2018: Quantos são e quem são os eleitores ideológicos no país?**

Belo Horizonte  
2021

PEDRO HENRIQUE MARQUES

**Ideologia dos brasileiros e o voto para presidente em 2018: Quantos são e quem são os eleitores ideológicos no país?**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Mario Fuks.

Belo Horizonte  
2021





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

### ATA 003ª/2021 DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO PEDRO HENRIQUE MARQUES

Realizou-se, no dia 17 de março de 2021, às 15:00 horas, a defesa da dissertação, intitulada “*Ideologia dos brasileiros e o voto para presidente em 2018: Quantos são e quem são os eleitores ideológicos no país?*”, apresentada por **PEDRO HENRIQUE MARQUES**, número de registro 2019664180, graduado no curso de CIÊNCIAS SOCIAIS. A dissertação é requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em CIÊNCIA POLÍTICA e foi submetida e analisada pela seguinte Comissão Examinadora: Prof. Mario Fuks - Orientador (DCP/UFMG), Prof. Gustavo César de Macêdo Ribeiro (UFPA), Prof. Thiago Moreira da Silva (DCP/UFMG), todos por videoconferência, incluindo o referido discente. A Comissão considerou a dissertação aprovada. Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada eletronicamente pelos membros da Comissão. Belo Horizonte, 17 de março de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Moreira da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 10/02/2022, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mario Fuks, Professor do Magistério Superior**, em 10/02/2022, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo César de Macêdo Ribeiro, Usuário Externo**, em 08/03/2022, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1246795** e o código CRC **ODD5E119**.

## AGRADECIMENTOS

Como cientistas sociais, aprendemos que as nossas conquistas são apenas ilusoriamente somente individuais (assim como os fracassos). Isso não quer dizer que aquele que alcança algum objetivo acadêmico ou profissional não tenha nenhum mérito em sua conquista. Significa sim, que é importante reconhecer toda a ordem de fatores que possibilitam aquela conquista e agradecer a contribuição de várias pessoas sem as quais a conquista não seria possível.

No meu caso, eu tive a sorte de ter uma família relativamente estruturada que me apoia psicológica e economicamente. Isso é muito importante (infelizmente) quando se pretende fazer um curso matutino como foi a minha graduação em Ciências Sociais. Tive o privilégio de não ter que trabalhar formalmente na graduação, graças ao amparo que minha mãe e pai me deram, o que permitiu que me virasse bem com as bolsas de iniciação científica, que hoje em dia são tão escassas e desvalorizadas. Por esses motivos agradeço enormemente à minha mãe que sempre me apoiou nesse projeto meio maluco, meio heroico que é fazer ciência no Brasil. E agradeço também ao meu pai, que junto dela, construíram as bases que me permitiram seguir esse sonho com mais tranquilidade.

Nesse sentido, também é extremamente importante agradecer por todo o suporte emocional dado por demais familiares. Gostaria de agradecer especialmente à minha irmã Juliana minha irmã Maria Vitória pelo estímulo, minha avó Joana pelo carinho e comidas gostosas, ao meu avô Leonel pelo exemplo, minha tia Amália pelo ótimo humor e meus tios Claudio, André e Marcos e Júlio pela companhia. Também gostaria de agradecer à família que não foi dada pelo sangue, mas conquistada pela amizade e confiança, assim, agradeço muito à minha sogra Ivonete pela paciência, meu sogro pela motivação e aos meus cunhados, grandes amigos, pelos fins de semana agradáveis em plena pandemia. Em especial, agradeço à minha companheira Camila pelo afeto, amor, ensinamentos, risadas e encorajamento. Sem você, nada disso teria sido possível.

Mas também é importante agradecer a outros tipos de fatores. Se alguns, como os que falei até aqui, derivam da sorte e do nascimento, outros constituem direitos conquistados com base na luta (e às vezes no sangue) daqueles que vieram antes de nós. Assim, agradeço enormemente a todas e todos que, com a dedicação de suas vidas, construíram a democracia no Brasil, a ciência brasileira e especialmente as ciências humanas, hoje tão atacadas e perseguidas pelo obscurantismo. Agradeço, portanto, à SBPC, à UNE e à ANPG. Agradeço

também àqueles que diariamente constroem as universidades públicas desse país, do guarda terceirizado à moça da cantina, passando pela querida Marcia, Elaine e Dangelis pelo café, pela comida saudável e gostosa. Agradeço também às centenas de técnicos e profissionais que lidam com a burocracia diária que faz essa instituição maravilhosa que é a UFMG funcionar. Agradeço à reitora Sandra Goulart pela defesa da universidade pública, ao nosso diretor e querido professor Bruno Wanderley Reis, assim como a todos os professores e alunos do departamento de Ciência Política da UFMG.

Nessa linha, agradeço especialmente à FAPEMIG pelo papel crucial que ela presta financiando nossas pesquisas e permitindo que trabalhemos integralmente no sentido de entender, nós que somos cientistas políticos, como funcionam nossas instituições, como aprimoramos nossas políticas públicas e como nosso povo se relaciona com o sistema político. Agradeço também à Capes e ao CNPQ que financiaram meus colegas de trajetória e várias das empreitadas que juntos construímos nos últimos anos.

Agradeço, com muito e especial carinho, aos colegas do Cecom, sempre abertos, bem humorados e solidários, sem os quais dificilmente eu sequer teria passado no mestrado. Agradeço especialmente ao professor, orientador e generoso amigo Mario Fuks, que me acolheu desde a graduação e tem sido um grande parceiro de publicações e pesquisa.

Por fim, e, mais importante de tudo, agradeço ao povo brasileiro que foi quem pagou por essa pesquisa e pela minha formação. Sonho todos os dias em poder retribuir-lhes como cientista político todo esse investimento, seja ajudando a que tenhamos consciência dos processos políticos pelos quais passamos, sejam com a docência e demais formas de participação no espaço público. Prometo-lhes defender a ciência, a democracia e a justiça social.

“Você corta um verso, eu escrevo outro  
Você me prende vivo, eu escapo morto  
De repente olha eu de novo  
Perturbando a paz, exigindo troco

Vamos por aí eu e meu cachorro  
Olha um verso, olha o outro  
Olha o velho, olha o moço chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí...”

(Trecho da canção Pesadelo, de Mauricio Gomes e Paulo Cesar Pinheiro)

## RESUMO

Esse trabalho parte do diagnóstico de que as eleições presidenciais de 2018 marcaram um ponto de virada na relação dos brasileiros com termos ideológicos como esquerda e direita. Os eleitores estão se localizando mais na escala esquerda/direita e essas posições se relacionam cada vez mais com seus votos e identidades partidárias. Apesar disso, temos como objetivo matizar e encontrar nuances nesse diagnóstico a fim de compreender, de forma mais profunda, quantos e quem são os eleitores ideológicos na sociedade brasileira. Para isso, trabalhamos com os dados pós-eleitorais das eleições presidenciais de 2018, ano de grande saliência ideológica no debate público. Criamos, a partir dos dados, alguns indicadores de alinhamento ideológica dos eleitores e de voto ideológico nas eleições presidenciais, com os quais visamos medir a amplitude desses fenômenos na sociedade e testar um conjunto de hipóteses sobre os atributos individuais que influem sobre a consistência ideológica dos eleitores. Os resultados indicam que apenas uma minoria dos eleitores pode ser considerada como alinhada ideologicamente às elites e que, além disso, a maioria dos eleitores não votou, nas eleições presidenciais de 2018, baseada em posições ideológicas. Além disso, mostramos a força das teorias de natureza cognitivista, mesmo em contextos que facilitam a estruturação ideológica do comportamento político dos eleitores. Nossos achados revelam que os indivíduos interessados por política, com maior escolaridade, mais participativos ou com preferência partidária são os eleitores mais ideologicamente alinhados ao debate entre esquerda e direita.

**Palavras-chave:** Ideologia. Comportamento eleitoral. Sistemas de Crenças. Brasil.



## ABSTRACT

This work starts from the diagnosis that the 2018 presidential election established a turning point in how Brazilians relate to ideological terms like left and right. Voters are increasingly positioning themselves in the right/left spectrum, and these positions are progressively associated with their votes and political party identities. The aim of this thesis is to find varied nuances of this diagnosis to understand more deeply how many ideological voters in Brazilian society are there and who they are. To achieve that, we set out to work with post-electoral data from the presidential election of 2018, a year of great significance for the public debate on ideologies. From this data we devised indicators to measure both the voters' ideological alignment and the ideological vote in the presidential election. The final goal was to measure the extent of the forementioned phenomena and to test a number of hypotheses concerning the individual attributes that have an influence on the voters' consistency regarding ideological consciousness. The results indicate that only a minority of voters can be considered as ideologically aligned with the elite; furthermore, that most electors did not vote based on ideological positions in the 2018 presidential election. Additionally, our analysis showcases the strength of theories of cognitive nature, even in contexts that facilitate the ideological structuring of voters' political behavior. Our finds reveal thus that individuals who are interested in politics, with higher levels of education, and those most willing to participate in political life as well as those who show party preferences are the voters most ideologically linked to the debate between the left and the right.

**Keywords:** Ideology. Electoral behavior. Belief systems. Brazil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - Autolocalização Ideológica dos brasileiros 1989 – 2019. ....	20
GRÁFICO 2 - Correlação entre autolocalização ideológica e ideologia do partido preferido pelo eleitor brasileiro 1989 – 2019. ....	21
GRÁFICO 3- Correlação entre autolocalização ideológica dos brasileiros e voto no 1 turno das eleições presidenciais 1989 – 2019. ....	21
GRÁFICO 4– Percentual de eleitores brasileiros que se autolocalizam na escala ideológica. ....	22
GRÁFICO 5– Percentual de pessoas que desconhecem a escala ideológica. ....	23
FIGURA 1 – Escala da variável de posicionamento ideológico. ....	32
GRÁFICO 6 – Teste do screeplot da análise de componentes principais. ....	34
GRÁFICO 7 – Dimensões da ideologia no Brasil. ....	35
GRÁFICO 8 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão econômica da direita. ....	45
GRÁFICO 9 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão econômica da esquerda. ....	46
GRÁFICO 10 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão dos costumes da direita. ....	47
GRÁFICO 11 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão dos costumes da esquerda. ....	48
GRÁFICO 12 - Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública para a direita. ....	49
GRÁFICO 13 - Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública para a esquerda. ....	50

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1- A descrição das variáveis utilizadas na criação dos indicadores de posição dos eleitores em relação a issues. ....	32
TABELA 1 - Análise dos componentes principais. ....	34
QUADRO 2 - Atribuição de pontuação e construção do índice de alinhamento ideológico das crenças. ....	41
QUADRO 3 - Variáveis explicativas do alinhamento ideológico.....	43
TABELA 2 – Coeficientes de regressão logística para as chances de ter alinhamento ideológico na esquerda. ....	51
TABELA 3– Coeficientes de regressão logística para as chances de ter alinhamento ideológico na direita. ....	53
QUADRO 4– Tipos de Votos Ideológicos e Suas Operacionalizações .....	57
TABELA 4 – Dimensões do voto ideológico nas eleições presidenciais de 2019.....	60
TABELA 5 - Coeficientes das Regressões Multinomiais para Voto Ideológico na Esquerda. ....	63
TABELA 6 - Coeficientes das Regressões Multinomiais para Voto Ideológico na Direita ....	65
QUADRO 5 - Determinantes do Voto Ideológico em Candidatos de Esquerda.....	67
QUADRO 6 - Determinantes do Voto Ideológico em Candidatos de Esquerda.....	67

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DEM - DEMOCRATAS

ESEB - Estudo Eleitoral Brasileiro

LAPOP - Latin American Public Opinion Project

NOVO - Partido Novo

PC do B - Partido Comunista do Brasil

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PL - Partido Liberal

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP - Partido Progressista

PPS - Partido Popular Socialista

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PV - Partido Verde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DA IDEOLOGIA E A DEFINIÇÃO GERAL DO PROBLEMA</b> <b>17</b>	
<b>2.1</b>	<b>O estudo da ideologia e as eleições presidenciais de 2018.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Determinantes individuais do alinhamento ideológico .....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>Definições conceituais e mensuração de Ideologia.....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>QUEM E QUANTOS SÃO OS ELEITORES DE ESQUERDA OU DIREITA</b> <b>ENTRE OS BRASILEIROS EM 2018 .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>Resultados .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>Conclusões .....</b>	<b>54</b>
<b>4</b>	<b>DIMENSÕES E DETERMINANTES DO VOTO IDEOLÓGICO PARA</b> <b>PRESIDENTE EM 2018 .....</b>	<b>56</b>
<b>4.1</b>	<b>Medindo o voto ideológico em 2018 .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2</b>	<b>Resultados .....</b>	<b>60</b>
<b>4.3</b>	<b>Conclusões .....</b>	<b>67</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
	<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No campo dos estudos sobre partidos e elites políticas no Brasil, a discussão a respeito de suas ideologias e os impactos das mesmas sobre o comportamento legislativo era quase unânime em identificar que, desde a redemocratização, vigoravam algumas tendências bastante centristas no país. De um lado, a maioria dos partidos tendia ao centro político, o que incluía os partidos de esquerda que aderiam cada vez mais a políticas de valorização do mercado. De outro, a maior parte da direita escondia sua verdadeira identidade ideológica – um fenômeno conhecido como “direita envergonhada”, que tinha uma de suas maiores expressões no fato de a maioria dos políticos dos partidos de direita se declarar à esquerda de seus partidos (ZUCCO, 2011). Todas essas tendências se aprofundaram durante os governos do Partido dos Trabalhadores - PT (2002-2016), que construíram coalizões ideologicamente heterogêneas (CARREIRÃO, 2014) e abandonaram grande parte do radicalismo de esquerda dos anos iniciais do partido (MENEGUELLO, AMARAL, 2008; RIBEIRO, 2014).

Em profunda consonância com esses achados, a maioria da literatura de comportamento político tem demonstrado que o eleitorado brasileiro também é pouco estruturado ideologicamente (REIS, 1978; 1988; 2000; OLIVEIRA; TURGEON, 2015; BORGES; VIDIGAL, 2018; SAMUELS; ZUCCO, 2018). Alguns autores argumentam que, desde a chegada do PT à presidência (CARREIRÃO, 2007; BONIFÁCIO; CASALECCHI; SANDES-FREITAS, 2014) - com a diluição de sua *partybrand* -, a relação entre ideologia e voto estaria, inclusive, diminuindo. Vigorava no país, desta forma, o mesmo pessimismo sobre a capacidade de o eleitor se orientar na política por referenciais ideológicos, inaugurado por Converse<sup>1</sup> (2006) ainda nos anos 1960. Aqueles que afirmam que a ideologia importa na hora do voto têm sido minoritários e questionados por outros pesquisadores (SINGER, 2000; SILVA, 2019; IZUMI, 2019).

Recentemente, porém, o país passou por um processo radical de mudança e o antigo marasmo ideológico parece definitivamente superado. Como pontuaram Fuks e Marques (2020), a direita passou a se reorganizar e se assumir cada vez mais enquanto tal. Tudo indica, aliás, que o fenômeno da “direita envergonhada” passa, agora, por uma reversão (QUADROS; MADEIRA, 2018). A esse respeito, como sinalizam Fuks e Marques (2020), é fundamental destacar que uma vasta literatura começa a dar conta do surgimento de uma nova direita nas ruas (AVRITZER, 2017; ALONSO, 2017) e no parlamento (QUADROS; MADEIRA, 2018;

---

<sup>1</sup> Original publicado em 1964.

MELO, CÂMARA; SANTOS, no prelo); nos meios de comunicação tradicionais (PENTEADO; LERNER, 2018) e na internet (MESSEMBERG, 2017; ROCHA, 2018). É bastante notável também que, depois de dar quatro vitórias consecutivas ao PT nas eleições presidenciais de 2002 a 2014, o eleitorado brasileiro tenha eleito Jair Bolsonaro em 2018 (à época, filiado ao Partido Social Liberal – PSL, atualmente sem partido), um candidato bem mais à direita que seus antecessores peessedebistas (do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB), que nos anos anteriores, acostumaram-se a enfrentar o PT nos segundos turnos.

Diante desse tipo de processo, a literatura indica que pode haver algumas mudanças importantes na forma como as massas se relacionam com questões ideológicas. Quando as elites políticas polarizam, deixam mais claras as suas diferenças programáticas através de termos como esquerda e direita. Tal processo, segundo diversos autores, facilitaria o uso desses termos pelos eleitores, a compreensão das diferenças entre os partidos e, por fim, a consistência e o voto ideológico (LCHAT, 2008; LEVENDUSKY, 2010; DALTON, 2011; ZECHMEISTER; CORRAL, 2013; SINGER, 2016).

É possível supor, portanto, que à medida que as diferenças políticas no país estejam sendo apresentadas por um discurso cada vez mais ideológico, como faz a direita, também os eleitores estejam se ideologizando. No bojo destes acontecimentos, tudo leva a crer que há em curso uma escalada de radicalismo ideológico até então inédita na sociedade brasileira e uma evidente guinada dos brasileiros para a direita. Diante desses acontecimentos, cabe questionar, então, se aquele marasmo ideológico descrito por Carreirão (2007) estaria superado, também entre os eleitores.

Parte dessa reideologização da sociedade brasileira já foi detectada por Fuks e Marques (2020). Os autores demonstraram que, desde 2006, os brasileiros nunca foram tão ideológicos como em 2018 e que o voto em Bolsonaro esteve profundamente associado a várias dimensões do debate ideológico nacional. Esses resultados, porém, precisam ser matizados, o que constitui o objetivo principal deste trabalho. Qual o verdadeiro alcance da onda ideológica que atinge a sociedade brasileira? Quantos e quem são, de fato, os eleitores envolvidos nesse dilema ideológico? Qual foi o real impacto da ideologia sobre o voto em 2018?

Para responder a essas perguntas, utilizamos os dados do Latin American Public Opinion Project (LAPOP) do início do ano de 2019, com os quais criamos indicadores de alinhamento ideológico das crenças e do voto dos brasileiros às ideologias de esquerda e

direita. Nossos resultados mostraram que, mesmo nesse contexto mais ideologizado, ainda é reduzida a quantidade de eleitores que incorporam o discurso ideológico das elites na forma de posições sobre *issues*. Além disso, apenas uma minoria do eleitorado votou para presidente em 2018 estando orientada por temas e questões balizares do debate ideológico como economia, costumes e segurança pública. Em realidade, variáveis de nível individual como escolaridade ou interesse por política, que tradicionalmente dividem os eleitorados em mais ou menos sofisticados (CONVERSE, 2006), ainda têm grande peso na proporção de eleitores que poderiam ser considerados como sendo verdadeiramente ideológicos, a despeito do efeito facilitador dado pelo contexto.

Existem várias implicações teóricas para esses achados. Principalmente que os resultados permitem matizar a força explicativa do contexto. Mesmo nesse ambiente de maior saliência do debate ideológico, os atributos individuais que estratificam o eleitorado continuam importando. Para além do debate teórico, esta dissertação permite ampliar a compreensão do que foi a eleição de 2018, assim como, contribuir indiretamente para dimensionar a atual polarização no país.

O capítulo seguinte discute a importância de se estudar o voto ideológico, fundamenta teoricamente as hipóteses e discute conceitos importantes para a mensuração da ideologia no Brasil. O capítulo três visa responder quem são e quantos são os eleitores ideologicamente alinhados às ideologias de esquerda e direita no Brasil. O último capítulo, por sua vez, toma o comportamento eleitoral em 2018 como objeto de análise. Nosso objetivo é descobrir quem são e quantos são os eleitores que votaram orientados por ideologia naquelas eleições.



## **2 A IMPORTÂNCIA DA IDEOLOGIA E A DEFINIÇÃO GERAL DO PROBLEMA**

A forma como eleitores de um determinado país se relacionam com o debate ideológico feito pelas elites políticas é um dos traços definidores da representação democrática e da disputa eleitoral. Apesar disso, a maior parte da produção sobre o assunto é pouco otimista sobre as capacidades dos eleitores em operarem na política segundo coordenadas ideológicas. A eleição presidencial brasileira de 2018 constitui um caso de estudo excelente para o problema, uma vez que representa um pleito extremamente marcado pelo embate entre esquerda e direita, na esteira do qual, muitos eleitores passaram a se posicionar e a reconhecer os partidos como ideologicamente distintos (FUKS; MARQUES, 2020). Estudar como a ideologia relacionou-se com o voto nessas eleições é crucial para entender, não só a conjuntura na qual se deu 2018 - em que um candidato de extrema direita se elegeu pondo fim a um período de moderação política -, mas também para se pôr a prova a suposição pessimista sobre a incapacidade de os eleitores entenderem o debate ideológico entre os partidos e candidatos. Todavia, para se estudar empiricamente o fenômeno, algumas discussões sobre mensuração da ideologia no nível da opinião pública precisam ser apresentadas.

Neste capítulo definimos a importância do estudo das relações entre ideologia e comportamento político dos eleitores nas democracias representativas. Mais especificamente, definimos a importância do tema nas eleições presidenciais brasileiras e revisamos parte da produção nacional, a fim de justificar sua escolha como objeto de estudo. Em seguida, resumimos as principais contribuições teóricas sobre os fatores individuais que a literatura mobiliza para explicar a posse de sistemas de crenças ideologicamente estruturados e o voto ideológico nas democracias. O objetivo é ancorar teoricamente as hipóteses que orientaram esse estudo. Por fim, iniciamos uma discussão metodológica visando apresentar alguns conceitos e indicadores de ideologia que usamos nos capítulos seguintes.

### **2.1 O estudo da ideologia e as eleições presidenciais de 2018**

Entender como ideologia e comportamento político dos eleitores se relacionam dentro de um determinado país é tarefa crucial para a compreensão mais profunda do funcionamento do regime democrático naquela sociedade. Como coloca Zechmeister (2006), a ideologia funciona como um dispositivo heurístico fundamental que serve, ao menos, a dois propósitos nas democracias. Na linha do que argumentou Downs (1957), dada a complexidade

informacional do contexto e a costumeira baixa atenção dos cidadãos para com a política, os rótulos ideológicos podem funcionar como atalhos para a comunicação política entre elites e eleitores. Além disso, os rótulos ideológicos podem ajudar os eleitores a fazerem escolhas e avaliações mais racionais. Em teoria, se os rótulos ideológicos são significativos para os cidadãos, os eleitores podem fazer escolhas e avaliações melhores ou iguais, em qualidade, que os raros eleitores plenamente informados (ZECHMEISTER, 2006, p. 151-152).

Segundo Ellis e Stimson (2012), isso é importante na medida em que a ideologia política guarda - ou pelo menos deveria guardar - alguma conexão com os resultados eleitorais. Seguindo uma visão normativa da democracia representativa, os autores apontam que, se os públicos querem que a política se mova em uma determinada direção ideológica, eles deveriam ser hábeis em usar os instrumentos eleitorais para colocar no poder aqueles que podem perseguir as políticas que eles desejam. Ao mesmo tempo, os políticos deveriam ouvi-los e perseguir as políticas públicas que fluam naquela direção ideológica desejada. Dessa forma, é um elemento importante para a qualidade da representação democrática, que candidatos e eleitores se comuniquem através da escala, principalmente se temos em mente uma representação de natureza mais programática, na qual os vínculos entre eleitores e partidos sejam a expressão das preferências políticas que os cidadãos querem ver implementadas.

A esse respeito, a literatura identifica, já há bastante tempo, que, diante da incapacidade de os eleitores reconhecerem as diferenças ideológicas entre as opções eleitorais e se vincularem ideologicamente aos partidos, podem predominar relações de cores puramente personalistas, clientelistas ou baseadas em avaliações de curto prazo (KITSCHOLT *et al.*, 2010; HINICH; MUNGER, 1994 *apud* MAINWARING; TORCAL, 2006).

Como apontam Mainwaring e Torcal (2006), em contextos em que a competição partidária não é ideológica nem programática e em que os partidos surgem e desaparecem facilmente, a própria perspectiva de *accountability* eleitoral é diminuída:

Para que a responsabilidade eleitoral funcione bem, o ambiente político deve fornecer aos cidadãos pistas de informações eficazes que lhes permitam votar de maneira fundamentada, sem gastar um tempo excessivo em alcançar essas decisões fundamentadas. [...] A estabilidade limitada de sistemas partidários menos institucionalizados e o fraco conteúdo programático / ideológico que os rótulos dos partidos fornecem nesses contextos reduzem as informações que esses sistemas oferecem aos eleitores. As informações mais fracas impedem a racionalidade limitada dos eleitores, minando o potencial de responsabilidade eleitoral com base em uma avaliação racional de

políticas, governos e líderes (MAINWARING; TORCAL, 2006, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Infelizmente, porém, desde ao menos desde os anos 1960 (CAMPBELL *et al.*, 1960; CONVERSE, 2006), a ciência política encontra, reiteradamente, que a capacidade dos eleitores entenderem a política a partir dos eixos ideológicos é extremamente baixa. Na melhor das hipóteses, ela é restrita a um pequeno grupo de eleitores, uma elite dotada de mais recursos cognitivos e (ou) de mais engajamento ou exposição à política.

Sobre o caso brasileiro, a maioria dos estudos tem encontrado resultados semelhantes e desaconselhado a suposição de que a ideologia importe muito na hora do voto, que ela se relacione com o partidarismo, ou que explique as posições dos eleitores em relação a vários *issues* do debate público. A primeira geração desses estudos afirma que a maior parte dos brasileiros é ideologicamente inconsistente, sendo que a opção eleitoral é apenas vagamente relacionada à ideologia (LAMOUNIER, 1980; REIS, 1978). Mais recentemente, os estudos têm encontrado que os brasileiros são ideologicamente desestruturados, isto é, que suas opiniões em relação a temas políticos e a sua autolocalização ideológica não se relacionam, mesmo para os eleitores mais sofisticados (OLIVEIRA; TURGEON, 2015).

Em relação ao voto, em geral, os autores encontram que as correlações entre ideologia e voto são fracas, ou fortes apenas para os mais escolarizados (CARREIRÃO, 2000; 2002; 2007), que a relação entre ideologia e voto diminuiu desde o primeiro governo Lula (CARREIRÃO, 2007; BONIFÁCIO; CASALECCHI; SANDES-FREITAS, 2014), e que a relação entre ideologia e partidarismo também é baixa e declinante (RIBEIRO; CARREIRÃO; BORBA, 2011). As exceções são alguns poucos estudos mais otimistas, que afirmam que a ideologia importa para os brasileiros na hora do voto (SINGER, 2000; SILVA, 2019; IZUMI, 2019). Porém, as suposições de que as correlações entre ideologia e voto representem relações causais são significativamente questionadas em estudos mais recentes. Sob essa perspectiva, boa parte das taxas de autolocalização ideológica derivariam da escolha eleitoral e da simpatia por figuras políticas, e não a escolha eleitoral que derivaria das preferências ideológicas (PIMENTEL; RUSSO; AVELINO, 2019; PEREIRA, 2020).

---

<sup>2</sup> No original: “For electoral accountability and political representation to function well, the political environment must provide citizens with effective information cues that enable them to vote in reasoned ways without spending an inordinate time reaching these reasoned decisions [...] The limited stability of less-institutionalized party systems and the weak programmatic/ ideological content that party labels provide in these contexts reduce the information cues that these systems offer voters. The weaker information cues hamper the bounded rationality of voters, undercutting the potential for electoral accountability based on a rational evaluation of policies, governments, and leaders”.

Apesar disso, em artigo recentemente publicado, Fuks e Marques (2020) encontraram que nunca estivemos tão ideológicos. Segundo seus achados, atualmente os brasileiros se posicionam como nunca na escala ideológica, principalmente no polo direito da escala. Além disso, os brasileiros apresentam uma maior correlação entre ideologia e partidarismo e entre ideologia e voto, do que apresentaram a maior parte do tempo desde 1989, invertendo a tendência de declínio do efeito da ideologia sobre o comportamento político identificada por Carreirão (2007). Inclusive, os autores encontraram que, em 2018, a ideologia foi um importante preditor do voto em Bolsonaro: aqueles eleitores com posições mais à direita e mais conservadores tinham maiores chances de votar em Bolsonaro que os eleitores de esquerda e mais progressistas. A seguir, os GRÁFICOS 1, 2 e 3, retirados do artigo de Fuks e Marques (2020) revelam essa profunda reideologização da sociedade brasileira.

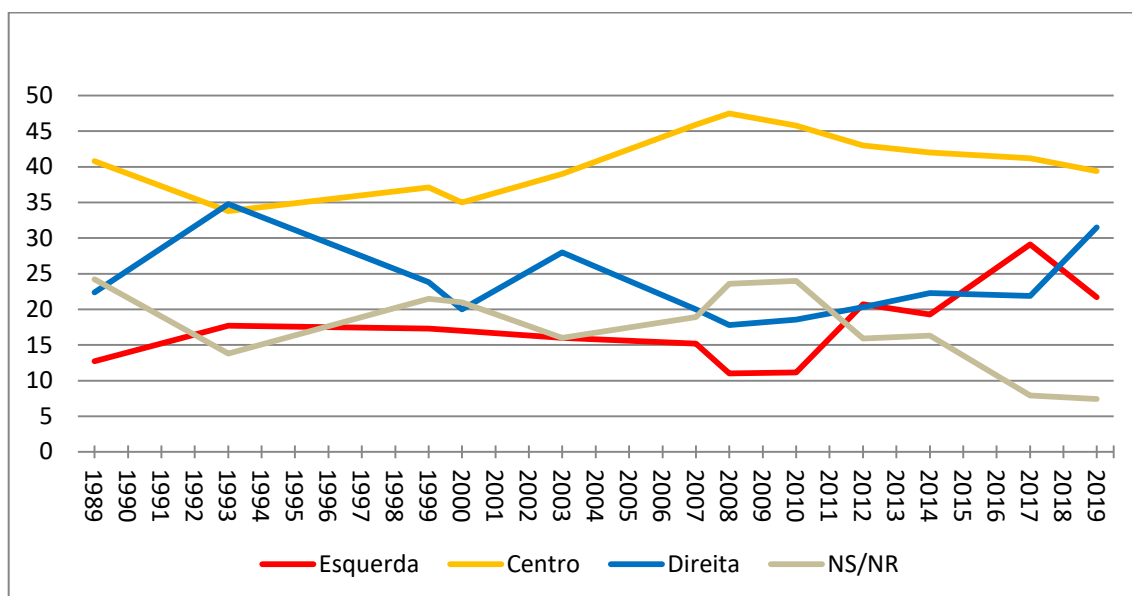


GRÁFICO 1 - Autolocalização Ideológica dos brasileiros 1989 – 2019.  
 Fonte: FUKS; MARQUES, 2020.

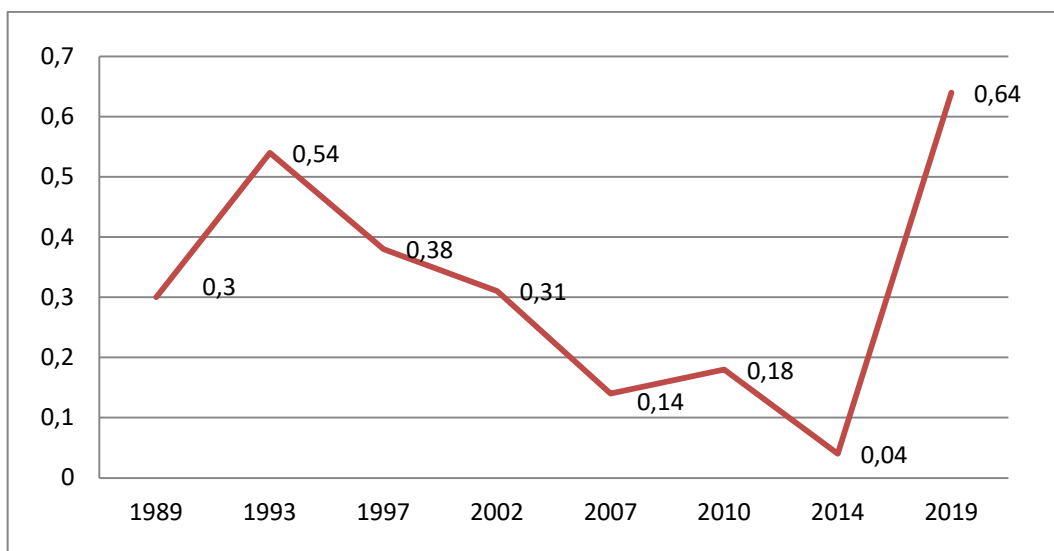


GRÁFICO 2 - Correlação entre autolocalização ideológica e ideologia do partido preferido pelo eleitor brasileiro 1989 – 2019.

Fonte: FUKS; MARQUES, 2020.

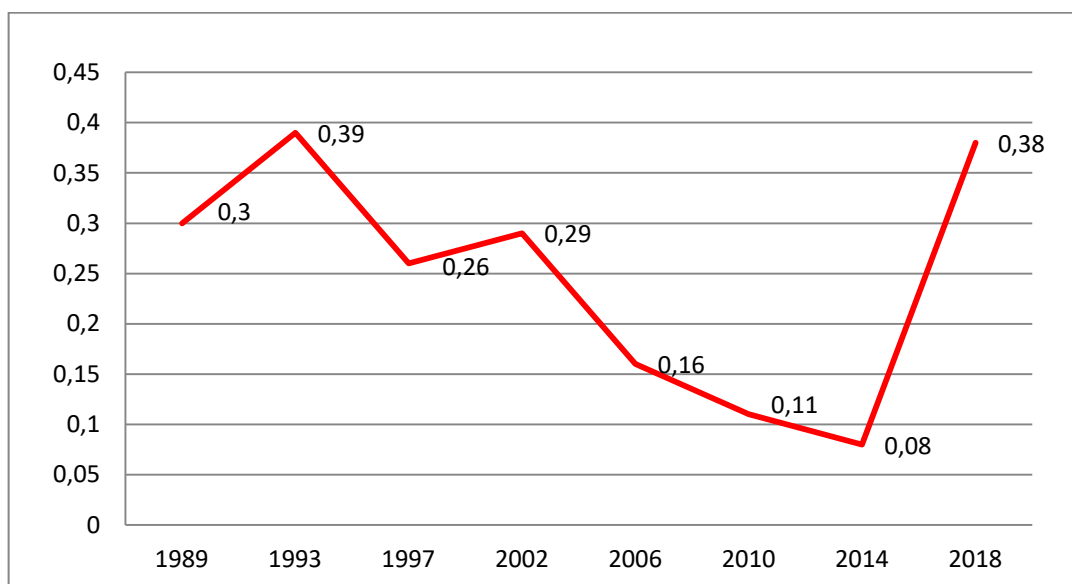


GRÁFICO 3- Correlação entre autolocalização ideológica dos brasileiros e voto no 1º turno das eleições presidenciais 1989 – 2019.

Fonte: FUKS; MARQUES, 2020.

Além desses dados, evidências adicionais podem ser encontradas em outras bases de dados que comprovam essa ideologização do eleitorado. Os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro, no GRÁFICO 4, revelam que, em 2018, o eleitor brasileiro voltou a se posicionar na escala esquerda e direita como fazia em 2002, ou seja, antes do declínio ideológico identificado por Carreirão (2007). Além disso, no período que vai de 2014 a 2018, houve um

aumento de mais de 20 pontos percentuais nas taxas de autolocalização ideológica dos eleitores brasileiros.

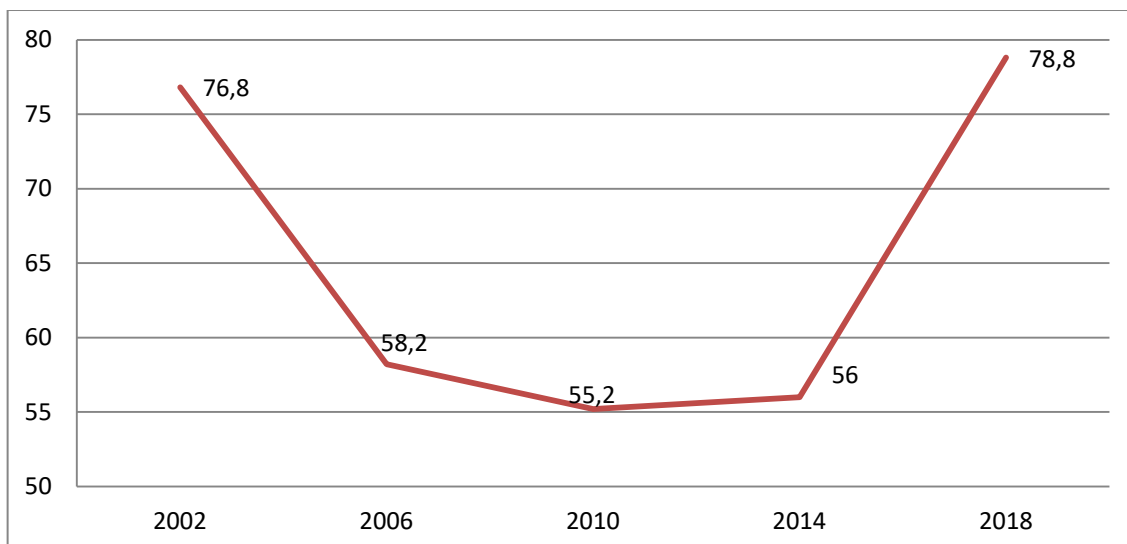


GRÁFICO 4– Percentual de eleitores brasileiros que se autolocalizam na escala ideológica.  
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do ESEB 2002; 2006; 2010; 2014; 2018.

A partir do GRÁFICO 5 pode-se ter uma perspectiva mais detalhada do que ocorreu no período. Enquanto em 2014, 22% dos eleitores dizia não saber se eram de esquerda ou direita, apenas 10,5% dos brasileiros forneciam essa resposta em 2018. Além disso, se, em 2014, aproximadamente 18,8% dos brasileiros dizia não saber o que é esquerda e direita, em 2018 esse número caiu para 7,6%.

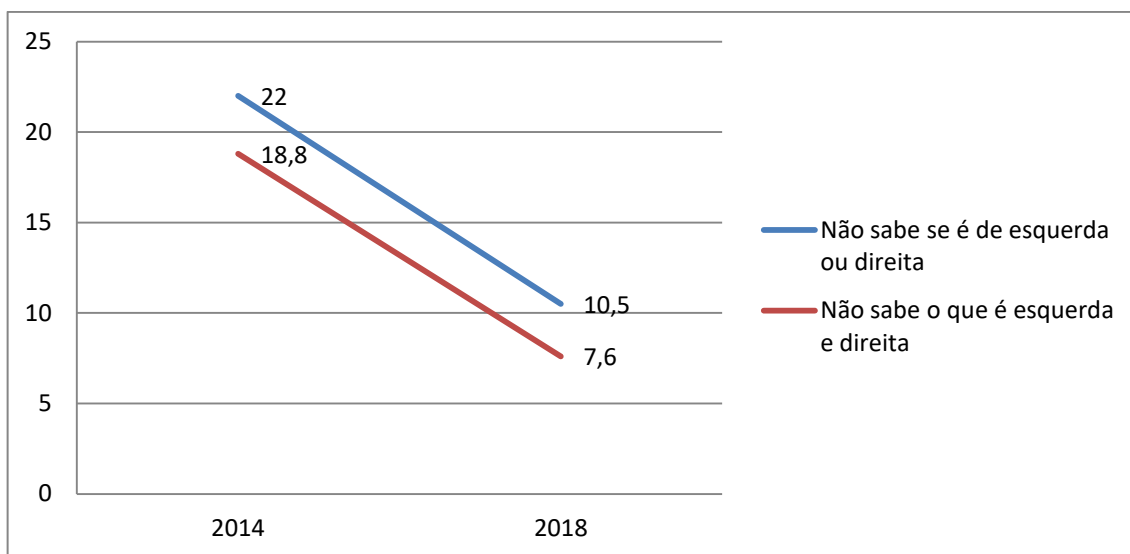


GRÁFICO 5– Percentual de pessoas que desconhecem a escala ideológica.  
 Fonte: Elaboração própria com base nos dados do ESEB 2014; 2018.

Diante dessas evidências palpáveis de ideologização do eleitorado brasileiro e da referida importância de se compreender como ideologia e comportamento se relacionam no Brasil, esta dissertação teve dois objetivos principais: aprofundar a compreensão sobre a forma como os eleitores brasileiros organizam seus sistemas de crenças; e medir o alcance do voto ideológico nas eleições presidenciais de 2018. Deste modo, as perguntas basilares que orientaram a pesquisa foram:

- 1) Quantos são e quem são, de fato, os eleitores envolvidos nesse dilema ideológico entre esquerda e direita?
- 2) Quantos são e quem são os eleitores brasileiros para quem a ideologia importou para o voto em 2018?

Sob a perspectiva de que as eleições de 2018 são um ponto de virada que marcam um substancial aumento na relação dos brasileiros com os termos esquerda e direita, elas constituem, também, um excelente caso de estudo para a abordagem mais puramente cognitivista da relação entre ideologia e comportamento. Será que nesse ambiente mais ideológico todos os eleitores tornaram-se ideológicos ou as variáveis que estratificam os eleitores em mais e menos sofisticados continuam importando? Nossa principal hipótese foi de que, em que pese essa maior estruturação ideológica do comportamento político do eleitorado brasileiro, dificilmente as explicações cognitivas que ressaltam a posse de certos atributos individuais como capacidade cognitiva e atenção perderam poder explicativo.

Em outras palavras, as eleições presidenciais brasileiras de 2018 representam um teste de fogo para a abordagem dos determinantes individuais do comportamento ideológico e um excelente evento para se estudar empiricamente como contexto e atributos individuais se relacionam na conformação desse comportamento. Indo em direção um pouco mais normativa, estudar o quanto e como posições ideológicas se associaram ao voto nessas eleições diz também sobre até que ponto o voto foi de fato uma opção ideológica, e o quanto o voto em Jair Bolsonaro representou uma guinada à direita do eleitorado brasileiro. Em tempos em que a sociedade brasileira parece profundamente dividida pelo bolsonarismo, queremos saber: quão ideológicos somos de fato?

## **2.2 Determinantes individuais do alinhamento ideológico**

Compreender cientificamente o pensamento ideológico dos eleitores é tarefa a preocupar a ciência política há mais de meio século, quando os trabalhos seminais da chamada Escola de Michigan estudaram empiricamente os sistemas de crenças dos eleitores estadunidenses. Esses primeiros estudos revelaram que a maioria deles não conseguia compreender em profundidade o debate ideológico entre os partidos nem possuía consistência ideológica entre suas posições em relações a diversos *issues* (CAMPBELL *et al.*, 1960; CONVERSE, 2006). Tais resultados se mostraram duros à maior parte dos testes a que foram submetidos no tempo e marcam o campo até hoje.

Para Converse (2006), referência fundamental dessa conversa, sistemas de crenças são conjuntos de ideias articuladas por encadeamentos mais ou menos previsíveis e lógicos do ponto de vista de um observador externo, encadeamentos que podem ser entendidos como uma ligação funcional que uma ideia estabelece com a outra, de forma previsível - o que pode ser exemplificado por alguém que se diz de esquerda e defende intervenção estatal na economia, reforma agrária e tem simpatia por partidos de esquerda. Além disso, um sistema de crenças pode ser entendido pela centralidade das ideias elementos, que são as ideias que o compõe. Nesse caso, uma ideia tem maior centralidade no sistema de crenças de alguém quando subordina as outras ideias e é mais estável que elas. Como exemplo, pode-se pensar que a identidade partidária de alguém tem mais centralidade que a defesa de uma posição política específica, quando esse indivíduo continua sendo partidário deste partido, mesmo que ele assuma uma posição contrária àquela política.



Converse (2006), porém, revelou uma questão fundamental. Diferentemente das elites políticas, dos eleitores de maior escolaridade e dos que possuíam maior interesse por política, a maioria do eleitorado era ideologicamente inconsistente. Para a maioria dos eleitores, os sistemas de crenças políticos seriam pouco articulados de um ponto de vista lógico, aglutinariam poucas ideias elementares, se limitariam a objetos próximos da convivência cotidiana desses cidadãos e, principalmente, não se articulariam em torno dos eixos ideológicos.

Como aponta Converse (2006, p. 10-11, tradução nossa):

Ao mesmo tempo, movendo-se de cima para baixo desta dimensão de informação, o caráter dos objetos que são centrais em um sistema de crença sofre uma mudança sistemática. Estes objetos mudam do remoto, genérico e abstrato para o cada vez mais simples, concreto ou “próximo a lar”. No que se refere aos potenciais objetos políticos, esta progressão tende a ser dos princípios abstratos, “ideológicos”, aos grupos sociais ou líderes carismáticos mais obviamente reconhecíveis e, finalmente, a esses objetos de experiência imediata como familiares, emprego e associados imediatos.<sup>3</sup>

Sob essa perspectiva cognitivista, os eleitores seriam estratificados em diferentes níveis de capacidade de abstração. Na base da pirâmide, a maioria dos eleitores não possui sistemas de crenças ideologicamente orientados, não consegue identificar ou explicar as diferenças ideológicas entre os partidos ou o faz apenas de forma muito incipiente. No topo da pirâmide, uma minoria, proprietária de mais recursos cognitivos, mais escolaridade ou maior engajamento com a política, tem sistemas de crenças ideologicamente mais estruturados e capazes de refletir a complexidade da disputa política entre os partidos.

O trabalho de Converse (2006) foi, com essas ideias, a pedra fundamental do estudo empírico das crenças e atitudes ideológicas dos eleitores, inspirando teoricamente grande parte dos trabalhos sobre o assunto até hoje. Questionando essa tradição cognitivista, porém, os trabalhos que se desdobraram na década seguinte travaram um interessante debate sobre se a consistência das atitudes políticas refletiria apenas fatores estáveis e individuais, como educação ou engajamento político, ou se, também estaria sujeita a variações contextuais de

---

<sup>3</sup> No original: “At the same time, moving from top to bottom of this information dimension, the character of the objects that are central in a belief system undergoes systematic change. These objects shift from the remote, generic, and abstract to the increasingly simple, concrete, or ‘close to home.’ Where potential political objects are concerned, this progression tends to be from abstract, ‘ideological’ principles to the more obviously recognizable social groupings or charismatic leaders and finally to such”.

um ambiente político com mais ou menos saliência no debate ideológico (LAVINE; GSCHWEND, 2006).

Nie e Andersen (1974) foram dos primeiros a explicitamente argumentar que, na presença de um contexto político onde o debate ideológico se mostrava mais saliente, como foi nos EUA dos anos 1960, os eleitores passariam a vincular de forma mais consistente suas posições ideológicas com seu partidarismo e seu voto. Desde então, embora tenham tido sua metodologia questionada por alguns autores (Bishop *et al.*, 1978) a explicação contextualista ganhou força (STIMSON, 1975; NIE; RABJOHN, 1979). Atualmente, diversos estudos demonstram que, em contextos de maior polarização política, em que partidos e candidatos explicitamente colocam suas diferenças em termos de posições ideológicas, os eleitores se posicionam mais na escala ideológica, possuem sistemas de crenças mais consistentes e votam de forma mais ideológica (LCHAT, 2008; LEVENDUSKY, 2010; DALTON, 2011; ZECHMEISTER; CORRAL, 2013; SINGER, 2016).

Adicionando mais um grau de complexidade à questão, alguns investigaram como esses fatores individuais e contextuais se relacionavam. Em outras palavras, eles têm se debruçado sobre se esse contexto de maior polarização política aumenta a distância entre os eleitores mais sofisticados e os menos sofisticados, ou se ele contribui para diminuir a distância entre eles, tendo um efeito compensador. Esses estudos, porém, encontram evidências divergentes. Ensley (2007) e Lachat (2008), por exemplo, mostraram que a polarização aumenta a ocorrência do voto ideológico, mas principalmente entre os segmentos mais sofisticados do eleitorado. Dalton (2011), por sua vez, encontrou que a polarização contribui para diminuir a distância entre os mais e menos sofisticados, no que diz respeito às suas chances de fazerem um voto ideológico, compensando a desigualdade de acesso à informação.

Sobre os propósitos do nosso estudo, em que pese essas diferenças entre os últimos achados, é bastante importante e notável que nenhum dos autores argumente sobre a inexistência ou a perda total de relevância dos atributos individuais sobre o quão ideologicamente conscientes do debate políticos os eleitores podem ser. Como postula Jost *et al.* (2009), grande parte dos estudos sobre ideologia dos eleitores sugere, aliás, que a maioria da população exibe baixo nível de conhecimento sobre o conteúdo específico associado aos rótulos ideológicos, uma certa inabilidade ou indisponibilidade para entender o conflito político em termos ideológicos e um baixo nível de consistência ideológica entre suas posições referentes a diferentes *issues*. Segundo os autores, os principais fatores identificados

pela literatura a explicarem a aquisição de conteúdo ideológico pelos eleitores continuam sendo a capacidade de compreensão, um fator cognitivo dos indivíduos e o nível de atenção aos discursos vindos das elites, um fator ao mesmo tempo motivacional e de exposição a esses discursos.

Sobre o elemento cognitivo, os pesquisadores têm encontrado que os eleitores politicamente sofisticados têm maior probabilidade de estruturarem suas próprias preferências de uma maneira consistente com as pistas dadas no nível das elites partidárias (CONVERSE, 2006; SNIDERMAN; BRODY; TETLOCK, 1991; BOX-STEFFENSMEIER; DE BOEF, 2001). Outros autores, como Luskin (1990), tentaram decompor os fatores que explicam a posse de sistemas de crenças mais ou menos ideológicos. Segundo ele, os fatores cognitivos importam, de modo que a consistência ideológica das crenças varia em função da inteligência (mesmo quando controlada por escolaridade) – uma vez que compreender abstratamente a política demanda uma grande capacidade cognitiva.

Com relação ao elemento motivacional e de nível de exposição dos eleitores, Luskin (1990) também mostrou que o interesse por política também se associa com a estruturação ideológica. Aqueles eleitores com maior nível de interesse por política tenderiam a ser mais ideologicamente sofisticados do que os menos interessados, uma vez que esses eleitores mais interessados têm melhor percepção das nuances da informação política quando a encontram e pensam mais seriamente sobre elas. Assim, ao lado dos recursos cognitivos, também é entre os mais engajados ou mais interessados por política, onde há mais chances de que a ideologia operacional e a ideologia simbólica se articulem de forma consistente (BENNETT, 2006; CONVERSE 2006; MARQUES, 2020)

Em direção parecida, Zechmeister e Corral (2013) mostraram, a partir de análise de regressão multiníveis sobre os países da América Latina, que os eleitores mais escolarizados, mais interessados por política e aqueles com maiores níveis de conhecimento sobre política têm mais chances de se autolocalizarem na escala ideológica do que os menos escolarizados, menos interessados e com menor conhecimento. Tais evidências mostram a robustez dessas variáveis individuais mesmo em estudos comparativos, que permitem controlar por variáveis contextuais, como polarização e fragmentação do sistema partidário, que também são variáveis associadas à consistência ideológica do eleitor.

Ainda no nível da atenção (ou da exposição ao discurso ideológico das elites), há evidências de que o partidarismo é um dos atributos que possibilitam maior nível de consistência ideológica, assim como de voto ideológico entre os cidadãos. Isso é esperado e

amplamente documentado pela ciência política, afinal, como Campbell *et al.* (1960) mostraram, o partidarismo dota os partidários de um viés na avaliação das figuras e acontecimentos políticos, moldando sua percepção sobre objetos, líderes e acontecimentos em direção a uma visão de mundo congruente com a do partido. Segundo essa linha interpretativa, o partidarismo forneceria uma lente através da qual seus seguidores avaliam os *issues* e os acontecimentos políticos que os circulam.

Segundo Zaller (1992), predisposições individuais como o partidarismo, se associam ao grau de atenção despendido ao fluxo informacional advindo das elites políticas, de modo que os segmentos mais atentos do eleitorado tendem a seguir seus partidos nas posições que eles tomam em relação aos diversos *issues* do debate político nacional. Encontrando resultados parecidos, Abramowitz (2010) demonstrou que, à medida que a polarização partidária nos EUA se aprofunda, os eleitores com forte identidade partidária e mais envolvidos com a política exibem crenças ideologicamente mais consistentes e estruturadas que os eleitores não partidários e menos engajados.

Considerando esses achados teóricos, temos algumas expectativas pouco vultuosas sobre o alcance dessa onda de ideologização pela qual passou a sociedade brasileira e que culminou na eleição de Bolsonaro em 2018. Em função deles, também moderamos nossas expectativas sobre quantos são e quem são os cidadãos brasileiros que poderíamos chamar de esquerdistas ou direitistas. Acordando com a literatura exposta acima, acreditamos que os fatores cognitivos, bem como os níveis de atenção e de envolvimento com a política ainda importam muito sobre o quanto os eleitores compreendem o debate ideológico e o vinculam à sua decisão eleitoral. Assim, em que pese a maior ideologização pela qual a sociedade brasileira passou nos últimos anos, as hipóteses são:

Hipótese 1.1 – Apenas uma minoria dos cidadãos brasileiros possui sistemas de crenças ideologicamente alinhados a um dos polos da clivagem esquerda e direita;

Além disso, espera-se que esses brasileiros sejam:

Hipótese 1.2 – Aqueles mais escolarizados;

Hipótese 1.3 – Aqueles mais interessados por política;

Hipótese 1.4 – Aqueles com identificação partidária;

Hipótese 1.5 – Aqueles mais engajados com a política;

Quanto ao voto ideológico em si, as conclusões de diversos estudos vão em direção semelhante. São mais propensos ao voto ideológico os eleitores mais sofisticados, mais atentos e mais engajados. Uma importante discussão na literatura aponta que a ideologia dos partidos e candidatos cumpre um papel importante ao simplificar o ambiente informacional para os eleitores, servindo como um atalho informacional ao reduzir, em uma escala unidimensional, uma grande quantidade de informações para o eleitor com limitada capacidade de processamento informacional (DOWNS, 1957). Em que pese, porém, vários estudos encontraram um paradoxo: é justamente entre os eleitores mais sofisticados, em tese os que menos precisam de atalhos, que a ideologia serve como um atalho cognitivo que os ajuda a votarem de forma alinhada. Para a maioria, menos sofisticada, as chances de votar seguindo a heurística ideológica é menor ou até mesmo indutora do erro (LAU; REDLAWSK, 2001). Respalhando esses achados pessimistas, vários estudos têm mostrado que os eleitores mais sofisticados votam com base em orientações ideológicas bem mais que os menos sofisticados (CARMINES; STIMSON, 1981; ZALLER, 1992; DELLI CARPINI; KEETTER, 1986).

Partindo de um estudo comparativo, Dalton (2011), por exemplo, mostrou que: a sofisticação política, medida em termos de conhecimento de política, aumentava as chances de voto ideológico, independentemente do nível de polarização ideológica do sistema partidário dos países; e que esse efeito seria maior em ambientes de menor polarização, mas que não desapareceria em ambientes mais polarizados. Tal resultado se daria, segundo ele, uma vez que eleitores mais sofisticados seriam mais hábeis em determinar suas próprias preferências políticas, expressá-las em termos de esquerda ou direita e vincular essas preferências à escolha eleitoral apropriada. Dalton (2011) também salientou que o partidarismo é um importante preditor do voto ideológico. Segundo o autor, isso ocorreria já que o partidarismo incorpora uma série de valores políticos que, na presença de sistemas mais polarizados, possui um efeito indutor do voto ideológico.

Assim, como consequência lógica do exposto, nossa expectativa em relação ao voto ideológico foi, também, de que:

Hipótese 2.1 – Apenas uma minoria dos eleitores votou ideologicamente em 2018;

E que, esses eleitores foram:

Hipótese 2.2 – Aqueles mais escolarizados;

Hipótese 2.3 – Aqueles mais interessados por política;

Hipótese 2.4 – Aqueles com identificação partidária;

Hipótese 2.5 – Aqueles mais engajados com a política;

Antes de prosseguirmos nos capítulos em que testamos essas hipóteses é preciso, qualificar o que entendemos por ideologia e como mensuramos a sua presença na opinião pública.

### **2.3 Definições conceituais e mensuração de Ideologia**

Qualquer tarefa de mensuração exige que se parta de uma cuidadosa conceituação para, a partir dela, ser possível avaliar a validade e a confiabilidade dos indicadores (ADCOCK; COLLIER, 2001). Nas ciências sociais, em geral, essa tarefa é bastante difícil, mais especificamente, para o conceito de ideologia, é ainda mais complexa, desde que ele assume, também na filosofia, uma grande gama de significados. Na ciência política, em particular, a definição de ideologia também é desafiadora, motivo pelo qual, vários autores recorrem a um enorme compilado de definições para conceituá-la (JOST *et al.*, 2009).

No caso desta dissertação, a definição de ideologia que empregamos dificilmente pode ser considerada própria, pois parte dos estudos sobre sistemas de crenças discutidos anteriormente, salientando sua natureza de ser um sistema de crenças políticas compartilhadas por um grupo de pessoas (CARMINES; D'AMICO, 2015). Consideraremos, portanto, ideologia como um tipo de sistema de crenças sobre o mundo político, ou seja, um conjunto de ideias que são articuladas numa forma interdependente, que são compartilhadas por grupos de indivíduos e que provê uma interpretação desse mundo, prescreve como ele deveria ser e como esse formato poderia ser alcançado. Desta forma, a nossa definição de ideologia, tem a ver com a estrutura de atitudes dos indivíduos em relação a um conjunto de temas políticos que normalmente se relacionam na política com o eixo esquerda e direita e(ou) liberal-conservador.

Para analisar a extensão do pensamento ideológico entre os brasileiros, assim como a sua influência sobre o voto nas eleições presidenciais de 2018, algumas definições adicionais precisam ser estabelecidas. A primeira delas tem a ver com a distinção entre ideologia

simbólica e ideologia operacional<sup>4</sup>. Segundo Ellis e Stimson (2012), a ideologia simbólica diz respeito aos significantes esquerda e direita (ou liberal-conservador). Como ela tem a ver com o rótulo e não necessariamente com o conteúdo, a ideologia simbólica capta, dessa forma, como os indivíduos se autoposicionam na escala, como eles posicionam outros indivíduos e as elites políticas, como os partidos. A ideologia operacional, por sua vez, refere-se às atitudes dos indivíduos em relação a uma série de políticas implicadas no debate ideológico de um determinado contexto, tais como a intervenção do Estado na economia, desigualdade de renda, segurança pública, política externa e minorias.

Essa distinção é importante, uma vez que a ideologia simbólica e a ideologia operacional nem sempre se combinam de forma coerente para grande parte dos eleitores. Um debate antigo na ciência política americana, inclusive, dá conta de que uma parcela significativa dos estadunidenses seria operacionalmente liberal, ou seja, favoreceria políticas redistributivas, embora fossem simbolicamente conservadores, ou seja, se dizem conservadores quando são estimulados a se situarem numa escala (FREE; CANTRIL, 1967). No caso da ciência política brasileira, o descompasso entre as posições simbólica e operacional já foi identificado por Oliveira e Turgeon (2015), que encontraram que a ideologia operacional não se relacionava com a posse de posições substantivas na ideologia simbólica, mesmo entre os eleitores mais sofisticados. Esses motivos nos colocam a necessidade de ter um indicador para a ideologia simbólica, baseado na autolocalização dos entrevistados na escala esquerda/direita e de construir, paralelo à ideologia simbólica, um conjunto de indicadores diferentes para a mensuração da ideologia operacional.

No caso da ideologia operacional, outra discussão importante a ser introduzida neste capítulo é a respeito de sua natureza multidimensional. Várias pesquisas apontam que as crenças da maioria dos cidadãos não se estruturam unidimensionalmente, pois suas posições em relação ao conjunto de questões “ideológicas” constituem dimensões fatoriais independentes e não necessariamente articuladas entre si (LAYMAN; CARSEY, 2002; CARMINES; ENSLEY; WAGNER, 2012<sup>a</sup>; 2012<sup>b</sup>). Sob a luz desses estudos, as dimensões da ideologia se correlacionam com alguma intensidade ou se constituem unidimensionalmente, apenas entre alguns eleitores. A maioria restante combina posições conservadoras em uma dimensão, com posições liberais em outra.

Carmines, Ensley e Wagner (2012<sup>b</sup>) revelam que a ideologia dos estadunidenses se estrutura em duas dimensões fatoriais independentes: uma dimensão econômica, que

---

<sup>4</sup> Para uma boa revisão a respeito dessa discussão ver Ellis e Stimson (2012).

compreende os temas clássicos sobre o papel do Estado como regulador das relações econômicas e o combate à desigualdade; e uma social, que abrangeria temas "recentes", como as questões raciais e de gênero. Aplicando o modelo multidimensional ao caso brasileiro, Silva (2019) demonstrou que também a ideologia operacional dos brasileiros se organiza em dimensões fatoriais diferentes: uma econômica, uma social e uma relativa à defesa da ordem social. Partindo desse referencial teórico, Fuks e Marques (2020) revelaram a utilidade da abordagem multidimensional no estudo do comportamento eleitoral dos brasileiros, ao demonstrar, por exemplo, que posições conservadoras na segurança pública e na dimensão dos costumes estiveram associadas ao voto em Jair Bolsonaro em 2018 - embora a dimensão econômica, associada ao dever do Estado combater a desigualdade de renda, não.

Tentamos lidar, então, com a complexidade conceitual da ideologia, medindo sua faceta simbólica através da autolocalização dos eleitores na escala esquerda/direita. A pergunta base que usamos para isso foi a variável L1 do Latin American Public Opinion Project (Lapop) do ano de 2019:

**L1.** “Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa “esquerda” e o 10 significa “direita”. Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos “esquerda” e “direita” têm para o (a) sr./sra, onde o (a) sr./sra. se situa nesta escala?”

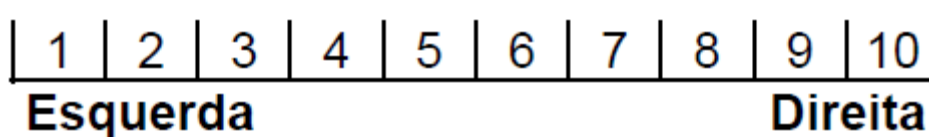


FIGURA 1 – Escala da variável de posicionamento ideológico.  
Fonte: Lapop, 2019.

Por outro lado, para medirmos adequadamente a ideologia operacional, optamos, num primeiro momento, por explorar sua estrutura dimensional e, apenas com base nela, escolher indicadores adequados. Para tanto, selecionamos o seguinte conjunto de questões do Lapop 2019 que melhor se associavam com debate ideológico no país:

QUADRO 1- A descrição das variáveis utilizadas na criação dos indicadores de posição dos eleitores em relação a *issues*.

Código e redação original	Escala original
ROS4. O Estado brasileiro deve implementar políticas firmes	Escala de 1 a 7, em que 1 é



para reduzir a desigualdade de renda entre ricos e pobres. Até que ponto concorda ou discorda desta frase	discorda muito e 7 é concorda muito.
REDIST1. O governo deve gastar mais na ajuda aos pobres. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?	Escala de 1 a 7, em que 1 é discorda muito e 7 é concorda muito.
REDIST2A. É correto que os ricos paguem muito em impostos mas recebam pouco em serviços do Estado. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?	Escala de 1 a 7, em que 1 é discorda muito e 7 é concorda muito.
REDIST3. A maioria dos desempregados poderia encontrar um trabalho se quisessem. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?	Escala de 1 a 7, em que 1 é discorda muito e 7 é concorda muito.
W14A. E agora, pensando em outros assuntos. O(A) sr./sra. acredita que se justifica a interrupção da gravidez, ou seja, um aborto, quando a saúde da mãe está em perigo?	(1) Sim, se justifica (2) Não, não se justifica
VB50. Alguns dizem que, em geral, os homens são melhores líderes políticos do que as mulheres. O(A) sr./sra. concorda muito, concorda, discorda, ou discorda muito?	(1) Concorda muito (2) Concorda (3) Discorda (4) Discorda muito
D6. O quanto o(a) sr./sra. aprova ou desaprova que casais homossexuais tenham o direito de se casar?	Escala de 1 a 10 em que 1 é desaprova fortemente e 10 é aprova fortemente
D5. E agora, mudando de assunto e pensando nos homossexuais, o quanto o(a) sr./sra. aprova ou desaprova que estas pessoas possam candidatar-se para cargos públicos?	Escala de 1 a 10 em que 1 é desaprova fortemente e 10 é aprova fortemente
ARM2. Se o(a) sr./sra. pudesse, teria uma arma de fogo como um revólver ou espingarda para sua proteção?	(1) Sim (2) Não
CAPITAL1. O(A) sr./sra. é a favor ou contra a pena de morte para pessoas que cometeram assassinato?	(1) A favor (2) Contra

Fonte: Lapop, 2019.

Em seguida, com base em uma matriz de correlações policóricas, dada a natureza categórica das nossas variáveis, realizou-se uma análise de componentes principais. Tal procedimento teve como objetivo revelar sua estrutura subjacente.

Após uma primeira iteração na qual a comunalidade abaixo de 0,5 recomendou que retirássemos as variáveis Redist2a, Redist3, W14A e VB50, fizemos uma segunda iteração com rotação oblímica – já que não havia necessidade teórica de que as dimensões não se correlacionassem. Essa nova iteração, que passou nos testes de adequabilidade ao apresentar um Bartlett Test of Sphericity (BTS) significativo ( $p.value < 1.06239e-11$ ) e um MSA de 0,5, teve como resultado uma solução com três dimensões, definidas pelo critério do screeplot e do autovalor maior que 1, como mostram o GRÁFICO 6 e a TABELA 1 a seguir:

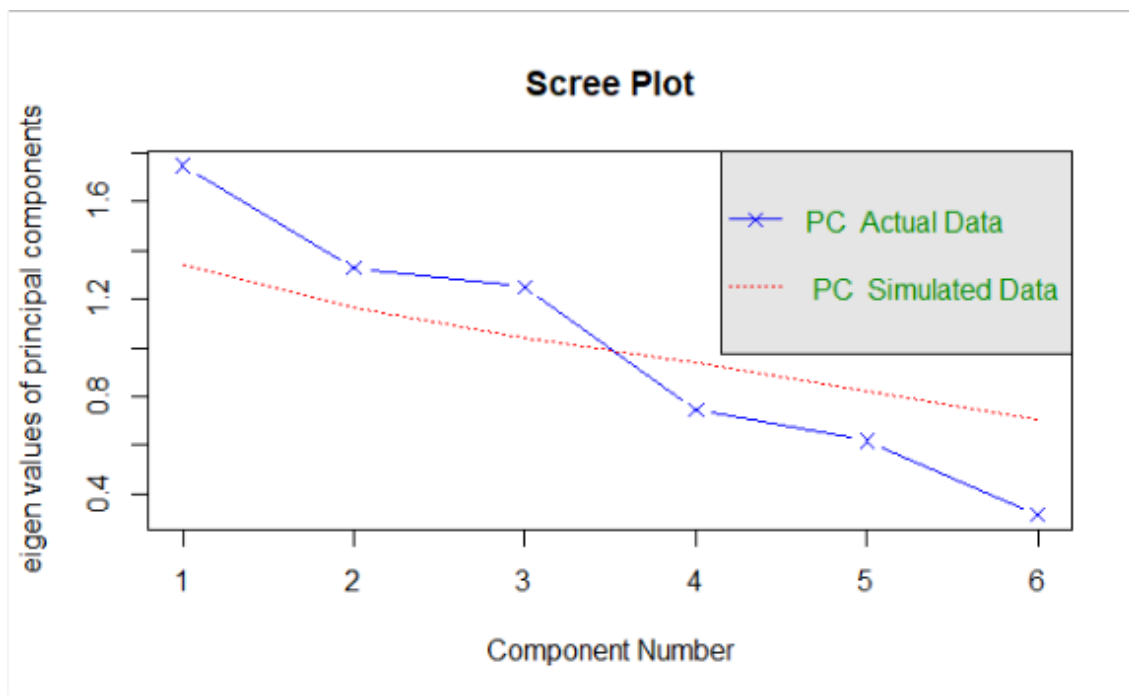


GRÁFICO 6 – Teste do screeplot da análise de componentes principais.  
 Fonte: Elaboração própria com base em Lapop 2019.

TABELA 1 - Análise dos componentes principais.

Carga Fatorial:			
	TC1	TC2	TC3
lapop.ros4	0.175		0.772
lapop.redist1	-0.139		0.826
lapop.homo1	0.910		
lapop.homo2	0.911		
lapop.arm2		0.801	
lapop.capital1		0.824	
	TC1	TC2	TC3
Autovalor	1.712	1.334	1.281
Proportion Var	0.285	0.222	0.213
Cumulative Var	0.285	0.508	0.721

Fonte: Elaboração Própria com base em LAPOP, 2019.

Na primeira dimensão, TC1, temos as variáveis relativas à concordância com que homossexuais tenham o direito de se casarem e se candidatarem a cargos públicos. Na segunda dimensão, TC2, temos as variáveis relativas à concordância com a pena de morte e se

a pessoa teria uma arma se pudesse. Na terceira dimensão, TC3, temos as variáveis sobre concordância com a adoção por parte do Estado de políticas firmes de combate à desigualdade e com a afirmação de que o Estado deve gastar mais na ajuda aos pobres. A imagem abaixo representa essa estrutura de forma gráfica:

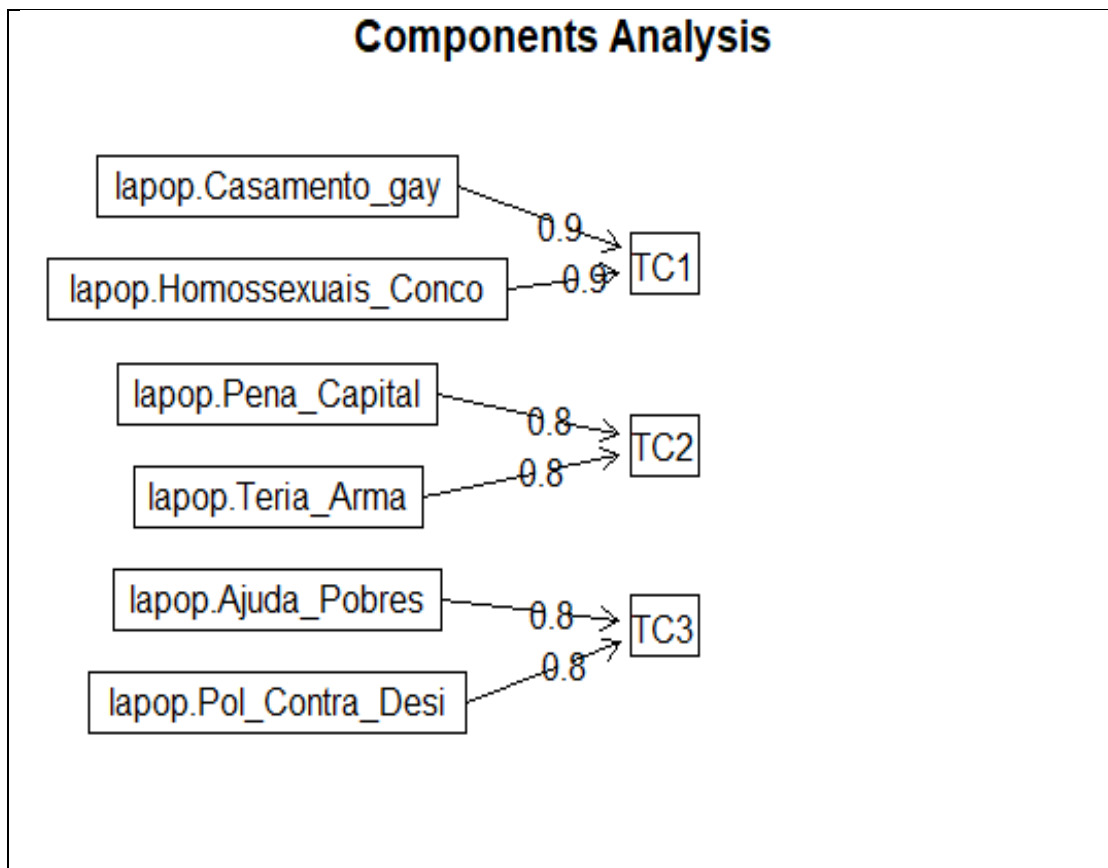


GRÁFICO 7 – Dimensões da ideologia no Brasil.  
Fonte: Elaboração própria com base em LAPOP, 2019.

Essas três dimensões, que chamaremos de dimensão econômica, dimensão da segurança e dimensão dos costumes, serão fundamentais para que possamos responder às nossas perguntas de pesquisa<sup>5</sup>. Classificamos, então, a partir delas, as atitudes de cada eleitor como mais próxima da esquerda ou mais próxima da direita em cada dimensão e avaliamos como essas atitudes se relacionam com outros fatores comportamentais. Assim, eleitores mais favoráveis à redução da desigualdade via políticas firmes ou aumento de gastos, foram

<sup>5</sup> É importante informar que essas dimensões podem não representar as mesmas três dimensões identificadas por Silva (2019). No caso da dimensão da segurança pública, por exemplo, ela é empírica e teoricamente distinta da dimensão do apoio à conservação da ordem social, a que Singer (2000) se referia, para falar do apoio ao controle dos sindicatos e proibição de greves. Já a dimensão que chamamos econômica, também pode ser diferente da dimensão econômica presente em Silva (2019). No nosso caso, embora a ideia de combate à pobreza e à desigualdade se misturem com a questão da intervenção estatal na economia, acredita-se que as primeiras se sobressaiam. Em Silva (2019), a questão da intervenção estatal é sem dúvidas mais saliente.

considerados como estando mais próximos da agenda econômica da esquerda, eminentemente mais redistributiva, enquanto eleitores contrários, estão mais próximos da direita, principalmente a de orientação neoliberal. Eleitores mais conservadores, que por sua vez, manifestaram-se contrários ao casamento gay ou à extensão dos direitos políticos a esse grupo, foram considerados como estando mais próximos da agenda de costumes da direita conservadora. Eleitores favoráveis à pena de morte ou que teriam uma arma, mais próximos da agenda de segurança pública de alguns setores da direita brasileira. Ao mesmo tempo, eleitores progressistas ou menos punitivistas, foram considerados como estando mais próximos da esquerda, que quase sempre assume hoje em dia essas posições.

Essa explicação foi importante, na medida em que, para identificar a consistência ideológica dos eleitores, observou-se como a dimensão simbólica da ideologia se relaciona de forma coerente com a posição do eleitor em cada uma das dimensões operacionais reveladas. Já para medir como o voto se relacionou com a ideologia nas eleições presidenciais de 2018, a análise empírica recaiu sobre a forma como ele se correlacionou com cada uma dessas dimensões.

### **3 QUEM E QUANTOS SÃO OS ELEITORES DE ESQUERDA OU DIREITA ENTRE OS BRASILEIROS EM 2018<sup>6</sup>**

No capítulo anterior, vimos que tem ocorrido um movimento de reideologização do eleitorado brasileiro e vimos, também, que esse movimento vem na esteira de um fortalecimento da direita no país (FUKS; MARQUES, 2020). Tal concomitância temporal mostra uma associação já diagnosticada na literatura: em momentos de maior saliência política, principalmente quando o debate político se apresenta ao cidadão comum em termos mais ideológicos, os eleitores tendem a ter uma compreensão ideologicamente mais estruturada da política, tal como mostraram Nie e Andersen (1974) nos anos 1970 e outros depois deles. Além disso, quando as elites políticas polarizam, colocando em termos ideológicos suas diferenças políticas, os eleitores tendem a se autoposicionar mais, compreender melhor as diferenças ideológicas entre os partidos e a votar ideologicamente (LACHAT, 2008; LEVENDUSKY, 2010; DALTON, 2011; ZECHMEISTER; CORRAL, 2013; SINGER, 2016).

Entre os elementos desse novo contexto mais ideológico para os cidadãos brasileiros, adicionamos evidências aos achados de Fuks e Marques (2020) e mostramos que tem diminuído o número de eleitores que reportam não saber o que é, ou, se são de esquerda ou de direita. Apesar disso, como vimos no capítulo dois, a autolocalização ideológica pode ser um indicador bastante duvidoso para medirmos a ideologia dos eleitores. Na literatura internacional, por exemplo, há vários casos de falsos conservadores (ELLIS; STIMSON, 2012). Em realidade, a maior parte da produção sobre a ideologia e comportamento político encontra que apenas a minoria dos eleitores com mais elementos cognitivos ou mais engajamento político é ideologicamente consistente. Em geral, serão poucos os que possuirão um sistema de crenças estruturado e que seja capaz de reconhecer as diferentes opções políticas pelo debate ideológico e programático.

No Brasil, apenas os eleitores mais escolarizados parecem reconhecer as diferenças partidárias em termos ideológicos (CARREIRÃO, 2002). Além disso, várias evidências demonstram que a escala do autoposicionamento dos eleitores não se correlaciona com posições em relação ao papel do Estado na economia, ou, no combate à desigualdade, mesmo para os mais sofisticados (OLIVEIRA; TURGEON, 2015).

---

<sup>6</sup> Este capítulo é uma versão atualizada do artigo de Marques (2020). Todavia, grande parte da metodologia foi alterada, além disso, usa-se uma base de dados mais recente, o Lapop 2019, enquanto Marques (2020) usou o Lapop 2017.

Tais elementos teóricos nos colocam a questão de descobrir quantos são e quem são de fato esses eleitores alinhados à esquerda ou à direita no país, tarefa que tentaremos enfrentar neste capítulo. Será que mesmo no momento imediatamente seguinte às eleições extremamente polarizadas de 2018, ainda são minoritários esses ideologicamente alinhados a esses polos? Quem são eles? Em que medida a guinada à direita dos brasileiros representa de fato uma hegemonia desses segmentos políticos radicais na cultura política dos cidadãos?

Este capítulo busca descrever a distribuição de eleitores alinhados ideologicamente aos polos ideológicos no Brasil e os determinantes individuais da posse de sistemas e crenças ideologicamente consistentes segundo essa polaridade. As hipóteses testadas foram de que apenas uma minoria dos eleitores é ideologicamente alinhada ao discurso de esquerda ou direita que nossas elites apresentam e que escolaridade, interesse por política, participação e identificação partidária estão positivamente relacionadas com essa característica. Com base no Lapop 2019, a metodologia do capítulo consistiu na criação de um indicador de alinhamento ideológico das crenças, baseado na coerência entre as posições políticas em relação aos *issues* que compõem as dimensões ideológicas dos brasileiros e a autolocalização ideológica do indivíduo. Baseados na presença de consistência ou inconsistência na forma como ideologia simbólica e operacional se articulam, descrevemos o tamanho e os determinantes individuais da posse de sistemas de crenças ideologicamente alinhados à esquerda ou à direita entre os eleitores brasileiros.

Os resultados confirmaram nossas hipóteses. Em que pese a enorme ideologização da sociedade e polarização nas eleições de 2018, há poucos eleitores que de fato poderiam ser considerados como de esquerda ou de direita, há maior inconsistência ideológica entre os eleitores autolocalizados à direita e a estruturação ideológica das crenças segundo aquelas dimensões, e que esse alinhamento ideológico está parcialmente relacionada à posse de maior interesse por política, engajamento e identificação partidária

### **3.1 Metodologia**

Como proposta metodológica para se construir indicadores capazes de medir aqueles eleitores ideológicos, consideraremos a distinção entre ideologia simbólica e operacional apresentada no capítulo 2, assim como a estrutura multidimensional das crenças, discutida a partir de nossa análise de componentes principais. Segundo essa definição, a ideologia simbólica não necessariamente acompanha posições dos indivíduos em relação aos temas em

debate, nem as suas posições em relação aos *issues* se estruturam necessariamente em uma organização unidimensional. Ao contrário, a análise mostrou que existem pelo menos três dimensões latentes nas crenças dos brasileiros: uma dimensão econômica, relativa ao aumento do gasto público com os pobres; uma dimensão dos costumes, relativa à concordância com o casamento gay e à garantia de seus direitos políticos; e uma dimensão relativa à segurança pública, envolvendo a temática da posse de armas e da pena de morte.

Elucidadas essas diferenças, um passo importante é o modo como definir o alinhamento ideológico e como medi-lo com as variáveis de que dispomos. Segundo Converse (2006), os eleitores mais ideologicamente sofisticados eram aqueles com sistemas de crenças nos quais as ideias elemento se juntavam de uma forma lógica e previsível para um observador externo. Algo como alguém que fosse democrata e liberal ou republicano e conservador, por exemplo. Nessa linha, mais de cinquenta anos depois, Abramowitz (2010), ainda considera eleitores ideologicamente alinhados aos polos como aqueles com predominância de posições consistentemente liberais ou conservadoras. Seguindo esse sentido, definimos como ideologicamente alinhados às posições de esquerda ou direita aqueles entrevistados que combinam de forma mais ou menos previsível e lógica a sua ideologia simbólica com suas posições em relação à ideologia operacional, dentro de cada dimensão anteriormente identificada, segundo certas posições que as elites de esquerda e direita assumem. Desse modo, serão eleitores portadores de crenças alinhadas ou consistentes com a esquerda ou a direita aqueles que tiverem um pensamento mais alinhado ideologicamente às posições dentro da dimensão dos costumes, economia e segurança pública que assumem esquerda e direita, ou seja, serão os direitistas conservadores, neoliberais e punitivistas e os esquerdistas progressistas, intervencionistas e anti-punitivistas.

Como, porém, identificamos a existência de três dimensões, em nossa proposta classificatória teremos para cada uma das três dimensões os eleitores ideológicos de esquerda e direita. Isso resulta, neste primeiro momento, em seis grupos de eleitores ideologicamente alinhados: (1) a esquerda econômica, quando os eleitores se autolocalizam à esquerda e na dimensão econômica apresentam ideário próximo da intervenção estatal redistributiva; (2) a direita econômica, com aqueles que se autolocalizam à direita e possuem orientação menos intervencionista nessa dimensão; (3) a esquerda nos costumes, quando os entrevistados se posicionam à esquerda e são favoráveis à extensão dos direitos civis e políticos dos homossexuais; (4) a direita conservadora, quando se posicionam à direita e são conservadores em relação a esses temas; (5) a esquerda anti-punitivista, quando os eleitores se

autolocalizam à esquerda e são contrários à pena de morte e anti-armamentistas; e, por fim, (6) a direita punitivista, quando os indivíduos são de direita e se posicionam favoravelmente em relação à pena de morte e têm desejo de ter uma arma.

Essa distinção é importante, uma vez que, além dessas crenças se estruturarem em dimensões fatoriais independentes, como mostrou nossa empiria, é perfeitamente lógico e possível que um eleitor seja de fato ideológico em apenas uma ou duas dimensões. Além disso, uma boa análise histórica demonstra que o conteúdo associado político dentro de cada dimensão varia histórica e regionalmente. Apesar disso, nossa proposta é medir, tendo em referência o atual contexto brasileiro no qual a esquerda tem sido associada às posições mais intervencionistas na economia, mais liberais nos costumes e menos punitivas na área de segurança - e a direita o exato oposto - e não essencializar o conteúdo do que sejam esquerda e direita.

Compreendemos, portanto, que a nossa proposta lida com essa heterogeneidade constitutiva das ideologias, na medida em que analisamos o alinhamento ideológico do eleitor de forma independente em cada dimensão segundo os conteúdos de esquerda que o contexto oferece. Um entrevistado pode ser alinhado em uma dimensão e ser ou não ser nas outras duas. É importante elucidar, que não consideramos como erradas as respostas que combinam posições ambivalentes ou mesmo que não caibam no nosso critério de alinhamento, apenas indicar aqueles que são ideológicos a ponto de seguir, em cada dimensão operacional, uma parcela das elites que, embora não sejam homogêneas, têm assumido no debate político brasileiro algumas posições típicas. Assim, é possível distinguir aqueles direitistas que são ultraliberais na economia, ultraconservadores no costume e punitivistas na segurança pública, assim como os esquerdistas que assumem o exato contrário dessas posições. Além disso, outra limitação do nosso indicador é a possibilidade de haver falsos positivos: eleitores identificados como ideológicos por nosso critério, mas que combinam as posições de forma inconsciente ou ao acaso. Em que pese essa limitação, porém, acreditamos na validade do indicador para demonstrar, se não o número exato dos eleitores ideológicos, ao menos um possível teto, algo que nos permita, na pior das hipóteses, vislumbrar o limite que essas posições ideológicas de esquerda e direita têm na sociedade brasileira.

Assim, para operacionalizar o conceito de alinhamento ideológico e responder, quantos são e quem são os eleitores de esquerda ou direita no país, o procedimento adotado



foi separar os entrevistados em dois grupos: os autolocalizados à esquerda e à direita<sup>7</sup>. Analisando cada dimensão separadamente, em seguida, toda vez que o entrevistado tivesse uma posição alinhada com sua autolocalização, ele ganhava um ponto e toda vez que tivesse uma posição contrária ele perdia um ponto. A operacionalização da variável de alinhamento ideológico pode ser descrita pelo QUADRO 2 abaixo:

QUADRO 2 - Atribuição de pontuação e construção do índice de alinhamento ideológico das crenças.

Pergunta	Esquerda	Direita
<b>Dimensão Econômica</b>		
<b>ROS4 O Estado brasileiro deve implementar políticas firmes para reduzir a desigualdade de renda entre ricos e pobres.</b>	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 5.  + 0 Pontos se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu o valor 4.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor menor ou igual a 3.	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor menor ou igual a 3.  + 0 Pontos se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu o valor 4.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 5.
<b>REDIST1. O governo deve gastar mais na ajuda aos pobres. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?</b>	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 5.  + 0 Pontos se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu o valor 4.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor menor ou igual a 3.	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor menor ou igual a 3.  + 0 Pontos se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu o valor 4.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 7, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 5.

<sup>7</sup> Para isso, foram considerados como de esquerda aqueles entrevistados que na escala de 1 a 10 da variável L1 se autolocalizaram entre 1 e 3 e como direita os que se autolocalizaram entre 8 e 10.

<b>Dimensão dos Costumes</b>		
<b>D6. O quanto o(a) sr./sra. aprova ou desaprova que casais homossexuais tenham o direito de se casar?</b>	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 6.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor abaixo ou igual a 5.	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor abaixo ou igual a 5.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 6.
<b>D5. E agora, mudando de assunto e pensando nos homossexuais, o quanto o(a) sr./sra. aprova ou desaprova que estas pessoas possam candidatar-se para cargos públicos?</b>	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 6.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor abaixo ou igual a 5.	+ 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor abaixo ou igual a 5.  - 1 Ponto se, na escala de 1 a 10, o entrevistado respondeu valor acima ou igual a 6.
<b>Dimensão da Segurança Pública</b>		
<b>ARM2. Se o(a) sr./sra. pudesse, teria uma arma de fogo como um revólver ou espingarda para sua proteção?</b>	+1 Ponto se o entrevistado respondeu que não teria.	+1 Ponto se o entrevistado respondeu que teria.
<b>CAPITAL1. O(A) sr./sra. é a favor ou contra a pena de morte para pessoas que cometeram assassinato?</b>	+1 Ponto se o entrevistado respondeu que discorda.	+1 Ponto se o entrevistado respondeu que concorda.

Fonte: Elaboração Própria com base nas questões do Lapop, 2019.

Como resultado dos cálculos que constituem os indicadores de alinhamento ideológico, foram produzidas seis variáveis que vão de -2 - o valor de menor alinhamento naquela dimensão - a 2 - o valor de alinhamento máximo. São eles: o alinhamento ideológico na dimensão econômica, para autolocalizados à esquerda e à direita; o alinhamento ideológico na dimensão dos costumes, para autolocalizados à esquerda e à direita; e, por fim, o alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública, para os de esquerda e os de direita.

De posse delas, então, foi possível medir a distribuição e o tamanho que o pensamento ideologicamente alinhado a esses tipos tem na sociedade brasileira.

Definidas essas medidas, o passo seguinte foi pensar como testar nossas hipóteses definidas no capítulo 2. Para isso, definimos como grupo dos ideologicamente alinhados, aqueles que atingiram o máximo de alinhamento em cada dimensão (ou seja, +2). Isso nos rendeu, portanto, um conjunto de seis variáveis binárias, com as quais rodamos seis modelos de regressão logística, estimando os efeitos de escolaridade, partidarismo, interesse por política e engajamento político (medido aqui pela participação do entrevistado em protestos, sobre ser consistente ou não). Para operacionalizar nossas hipóteses de que o alinhamento ideológico tem associação positiva com a escolaridade (H: 1.2), com o interesse por política (H: 1.3), com o partidarismo (H: 1.4) e com engajamento por política (H: 1.5), usamos um conjunto de questões do Lapop (2019), descritas no QUADRO 3 abaixo<sup>8</sup>:

QUADRO 3 - Variáveis explicativas do alinhamento ideológico.

Variáveis	Código e redação original	Categorização empregada
<b>Escolaridade</b>	ED. Qual foi o último ano ou série da escola que o(a) sr./sra. concluiu com aprovação? _____ Ano do _____ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário)	Estudou 12 anos ou mais
<b>Interesse por política</b>	POL1. O quanto o(a) sr./sra. se interessa por política: muito, algo, pouco ou nada? <sup>9</sup> (1) Muito (2) Algo (3) Pouco (4) Nada	Muito interessado contra o resto.
<b>Identidade partidária</b>	VB11. Com qual partido o(a) sr./sra. simpatiza? [NÃO LER ALTERNATIVAS] (1501) PT (Partido dos Trabalhadores) (1502) PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) (1503) PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) (1504) PSB (Partido Socialista Brasileiro) (1505) DEM (DEMOCRATAS)	Nos modelos em que se testa a consistência da esquerda usam-se todas as demais opções como zero e ter identidade partidária com partido de esquerda como 1.  Nos modelos em que se testa a consistência da direita, usam-se todas as

<sup>8</sup> Além dessas variáveis, introduzimos como controles dos nossos modelos a religião, o sexo e cor. Uma tabela com todas as variáveis usadas por nós pode ser encontrada no Apêndice A.

<sup>9</sup> Essa pergunta, em 2019, foi submetida a um experimento em que a opção 2 foi substituída por “Mais ou Menos”. Em nossa categorização juntamos os dois grupos de tratamento e como consideramos como interessados apenas os que escolheram a opção 1, esse experimento não afetou nosso modelo.

	(1506) PC do B (Partido Comunista do Brasil) (1507) PPS (Partido Popular Socialista) (1508) PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) (1509) PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) (1510) PP (Partido Progressista) (1511) PL (Partido Liberal) (1512) PV (Partido Verde) (1513) PDT (Partido Democrático Trabalhista) (1514) PSL (Partido Social Liberal) (1515) NOVO (Partido Novo) (1577) Outro	demais opções como zero e ter identidade partidária com partido de direita como 1.  Foram considerados partidos de esquerda: PT, PSOL, PCdoB e PSB.  Foram considerados partidos de direita: PSDB, DEM, PTB, PP, PSL e NOVO.
<b>Engajamento político</b>	PROT3. Nos últimos doze meses, o(a) sr./sra. participou de alguma manifestação ou protesto público? (1) Sim (2) Não (888888) Não sabe [NÃO LER] (988888) Não responde [NÃO LER]	Não (referência)  Sim

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

### 3.2 Resultados

Para aqueles que julgavam que nossa sociedade estava profundamente ideologizada nossos resultados são surpreendentes. Todavia, vão no sentido de nossas expectativas teóricas. O alinhamento ideológico aos polos esquerda/direita é pequeno e circunscrito a determinados grupos portadores de características específicas. Quando se considera “ser contrário a uma forte intervenção estatal no sentido de alterar a estrutura da pirâmide social”, como critério de pensamento econômico ideologicamente estruturado de direita na dimensão econômica, vemos que apenas uma ínfima minoria poderia ser considerada como ideologicamente alinhada ao ultraliberalismo. Apenas 24,8% dos 31,7% de entrevistados que se autocalizaram na direita têm pontuações maiores que 0 na variável de alinhamento na dimensão econômica. Isso significa que apenas 1/4 dos “direitistas” possui mais posições neoliberais na economia do que posições intervencionistas. Isso representa apenas 7,8% do eleitorado brasileiro. Além disso, apenas 5,7% dos direitistas - 1,8% do eleitorado - são completamente contrários à intervenção estatal no sentido de combater a desigualdade e a pobreza, sendo, portanto, contrários à adoção de políticas firmes de combate à desigualdade e contrários ao aumento do gasto público em apoio aos pobres.

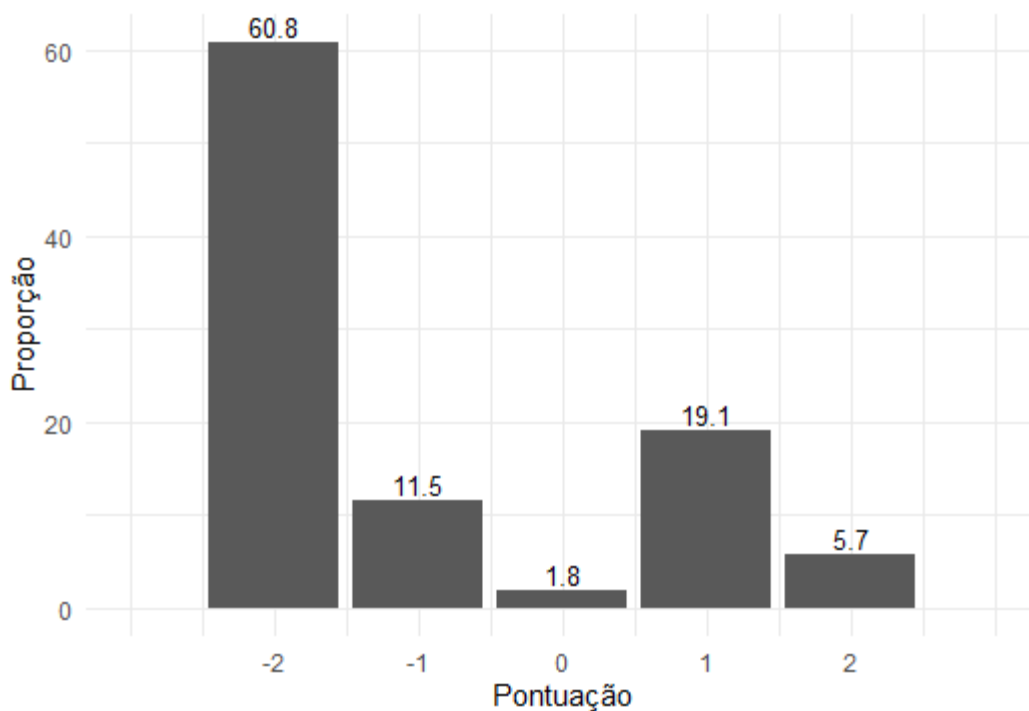


GRÁFICO 8 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão econômica da direita.

Fonte: Elaboração própria com base em Lapop 2019.

Por outro lado, quando se toma como critério de alinhamento de esquerda na dimensão econômica que o autolocalizado à esquerda seja favorável a uma forte atuação estatal no combate à pobreza e à desigualdade, algo mais próximo das ideologias de socialistas e ou de inspiração socialdemocrata, observa-se que há maiores taxas de alinhamento. Quase 65% dos 21,7% de brasileiros que se autolocalizaram à esquerda no Lapop 2019 tiveram pontuações maiores que 0, ou seja, mais posições consistentes que inconsistentes. Além disso, 58,5% tiveram alinhamento máximo, valores que representam 14,3% e 12,7% do eleitorado respectivamente. Todavia, é importante notar que quase 45% desses supostos esquerdistas são contrários ou pelo menos não são favoráveis a uma forte intervenção estatal no combate à pobreza. Esse é um número surpreendente, que pesa a favor da nossa hipótese de que apenas uma minoria dos eleitores é de fato ideológica, já que essa é uma das dimensões mais fundamentais do debate entre esquerda e direita na história (BOBBIO, 1995). Sob essa perspectiva, a clivagem ideológica na dimensão econômica, envolveria no máximo 14,5% dos eleitores brasileiros, para os quais suas posições nessa dimensão são completamente opostas em termos ideológicos.

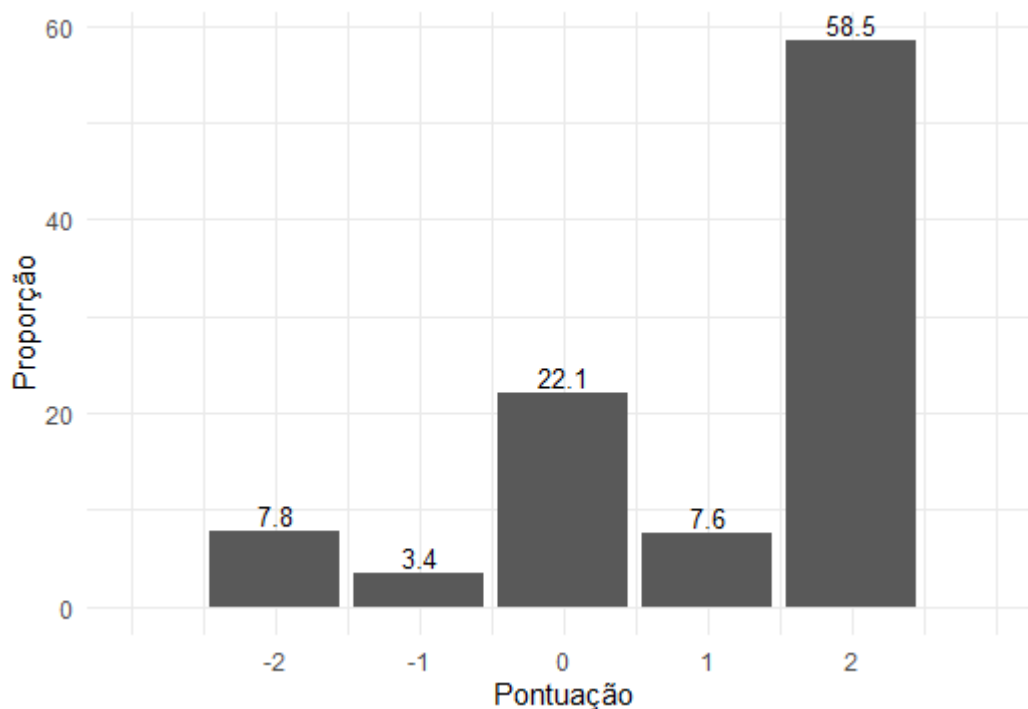


GRÁFICO 9 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão econômica da esquerda.

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

Quanto à dimensão dos costumes, representada por nós pela tolerância ou conservadorismo em relação à homossexualidade, os resultados não foram diferentes. Dos autolocalizados à direita, apenas 28,3%, são mais conservadores do que progressistas, o que resulta em apenas 8,9% de direitistas conservadores no eleitorado brasileiro. Além disso, ao contrário daqueles que imaginam que nossa sociedade esteja inundada de atitudes conservadoras, é interessante notar que cerca de 40% dos autolocalizados à direita são favoráveis ao casamento gay e respeitam o direito político dos homossexuais concorrerem à cargos públicos. Ainda assim, cumpre dizer que há maior alinhamento ideológico com o conservadorismo por parte dos direitistas do que com a agenda econômica, um resultado condizente com Fuks e Marques (2020), que mostraram que houve uma grande consistência do voto conservador em Bolsonaro, embora não tenha havido o mesmo, em relação à dimensão econômica.

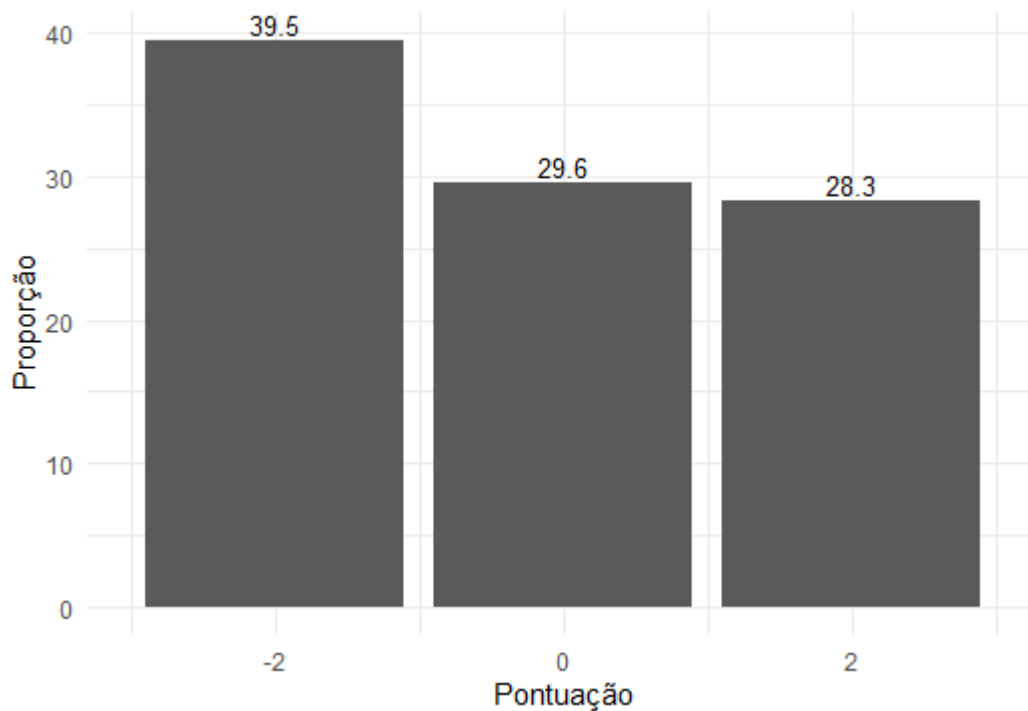


GRÁFICO 10 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão dos costumes da direita.

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

Quanto à esquerda, embora aqui mais uma vez o alinhamento ideológico seja maior, é importante ressaltar que menos da metade (46%) dos autolocalizados à esquerda é composta de progressista nos costumes. Isso quer dizer, que apenas 10% dos eleitores brasileiros podem ser considerados como de esquerdistas ideologicamente consistentes na dimensão dos costumes. À luz desses dados, a polarização na dimensão dos costumes opondo direitistas completamente conservadores, de um lado, e esquerdistas integralmente progressistas, de outro, é de, no máximo, 18,9% dos eleitores. De toda forma, fica claro que trata-se de uma clivagem política maior que a clivagem econômica.

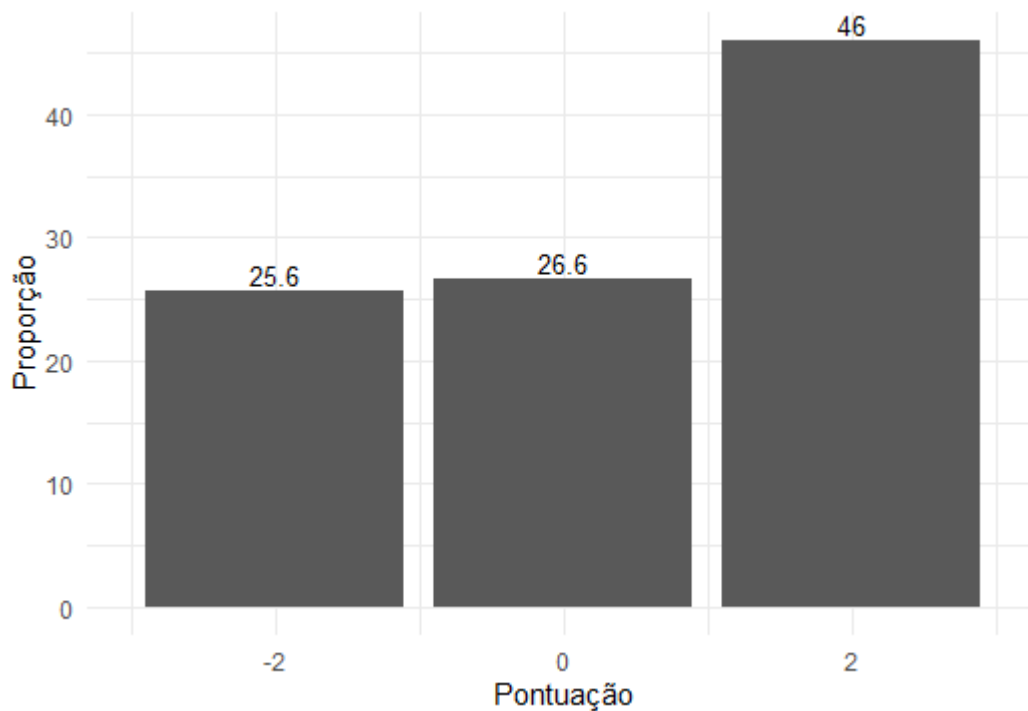


GRÁFICO 11 – Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão dos costumes da esquerda.

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

Por fim, na dimensão da segurança pública, expressa aqui pelo armamentismo e apoio à pena de morte, o alinhamento também é minoritário. No caso da direita, apenas 28,1% tiveram pontuação maior que 0 na variável de alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública, apenas 12,1% do eleitorado geral. Além disso, quase 30% desses são, ao mesmo tempo, contrários à pena de morte e não teriam uma arma de pudessem, posições essas que destoam do discurso mais radical que certos segmentos direitistas como a bancada da bala defendem.



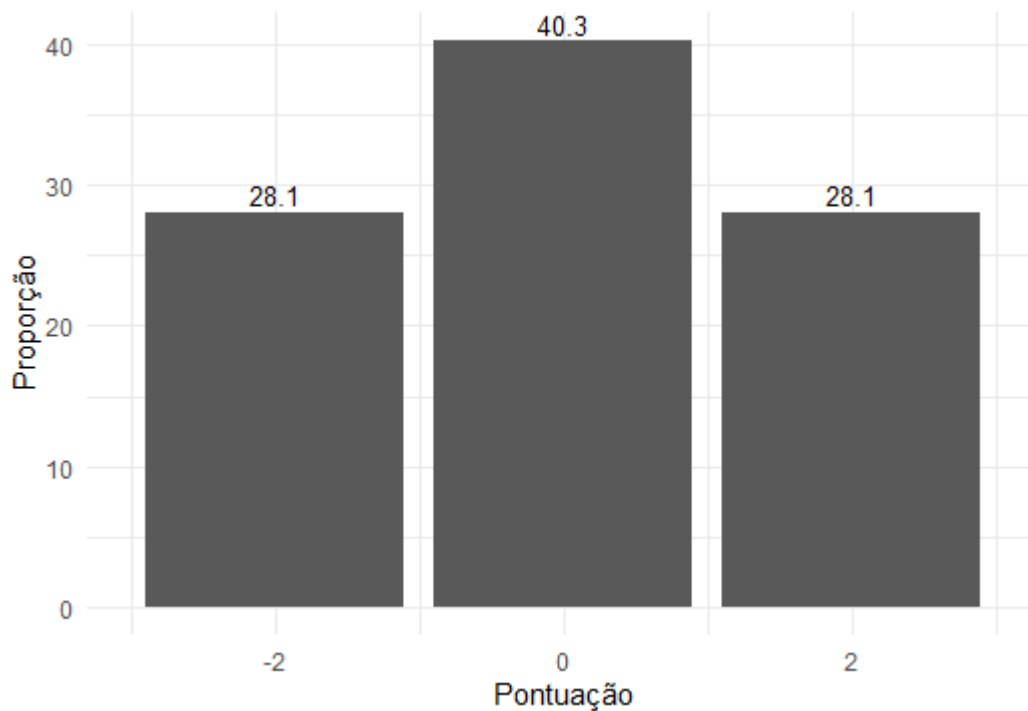


GRÁFICO 12 - Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública para a direita.

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

No caso da esquerda também não foi diferente. Apenas 36,2% dos que se posicionaram na esquerda da escala são contrários à pena de morte e não teriam uma arma, o que representa apenas 7,9% dos eleitores. Além disso, um pouco mais de 1/5 deles teriam armas e são favoráveis à pena de morte. Disso se depreende que, em que pese a disputa política recente envolvendo a liberação de armas e endurecimento de penas, a clivagem que opõe, de um lado, esquerdistas anti-punitivistas e desarmamentistas e, de outro, direitistas favoráveis à “linha dura” é de menos de 20% do eleitorado. Uma clivagem relativamente pequena, mas também maior que a clivagem entre esquerda e direita no tocante à economia.

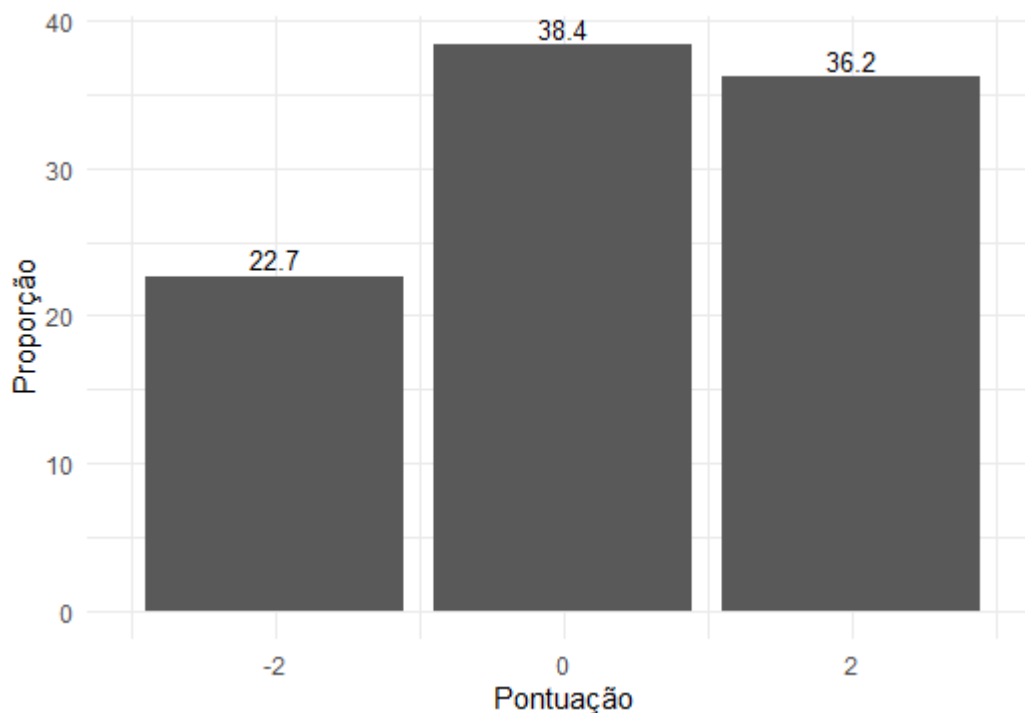


GRÁFICO 13 - Distribuição da variável de alinhamento ideológico na dimensão da segurança pública para a esquerda.

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

Todos esses resultados apontam, de forma geral, que são poucos os eleitores de fato ideologicamente alinhados, seguindo, em todas as suas posições as pistas do que propõem parte das elites e movimentos partidários de esquerda e de direita no país hoje. Em verdade, grande parte dos autolocalizados possui, dentro de cada dimensão analisada, posições mais próximas do que defende a ideologia rival à qual eles se identificam. Além disso, a maioria deles combina posições de esquerda numa das dimensões com posições de direita nas demais. Apenas 14,9% dos autolocalizados à esquerda são, ao mesmo tempo, mais próximos da esquerda nas três dimensões analisadas, o que resulta em somente 3,2% do eleitorado. Ao mesmo tempo, somente 1,4% dos autolocalizados à direita são alinhados nas três dimensões, ou seja, menos de 0,5% do total dos eleitores. Em outras palavras são apenas entre esses 2,9% de eleitores em que não é possível encontrar nenhum contrassenso ou ponto em comum que fure a bolha ideológica.

Uma das consequências práticas disso é que tanto esquerda como direita têm, enquanto forças políticas organizadas, ao menos algum ponto de concordância cruzada para a maioria dos eleitores, o que os torna disputáveis por ambos os lados do ponto de vista ideológico. Apenas uma ínfima minoria dos eleitores pode ser considerada como estando

profundamente polarizada em relação a todos esses polos de dimensões, uma vez que sequer estão sortidos ideologicamente.

Além disso, esses resultados descritivos nos permitem confirmar nossa hipótese H1.1, de que, em que pese a maior estruturação ideológica da sociedade brasileira mostrada por Fuks e Marques (2020), apenas uma minoria dos eleitores é ideologicamente alinhada (ou consistente) a um dos polos da clivagem esquerda e direita.

Os modelos seguintes tomam o alinhamento ideológico em cada dimensão como variável dependente, em que, pertencer ao grupo dos com maior alinhamento assume o valor 1 e o não pertencimento à categoria de referência na variável, representa o valor 0. A partir dessas variáveis dependentes, testamos um conjunto de hipóteses sobre as variáveis que, a nível individual, se associam com o alinhamento ideológico. Especificamente, testamos se o interesse por política, a escolaridade, o engajamento político e a identidade partidária se associam com a posse de sistemas de crenças mais ideológicos, tal como predito por nossa revisão teórica no capítulo 2. O primeiro conjunto de modelos abaixo apresenta os coeficientes da regressão para o alinhamento de esquerda em cada uma das três dimensões.

TABELA 2 – Coeficientes de regressão logística para as chances de ter alinhamento ideológico na esquerda.

Variáveis independentes	Alinhamento de Esquerda		
	Econômica	Costumes	Segurança
Homem	-0.363**	-0.748***	-0.583**
	(0.168)	(0.210)	(0.243)
Cor Negra	0.338	0.364	0.473
	(0.214)	(0.263)	(0.308)
Cor Outras	0.408	0.289	0.969**
	(0.337)	(0.394)	(0.396)
Religião Outras	0.353	0.349	0.592**
	(0.220)	(0.214)	(0.244)
Religião Protestante	-0.009	-1.167***	0.102

	(0.203)	(0.293)	(0.265)
Entrou na Universidade	-0.479*	-0.042	0.287
	(0.252)	(0.293)	(0.234)
Interesse por Política	0.096	0.299	0.040
	(0.201)	(0.230)	(0.254)
Part. Protesto	0.190	0.303	0.705**
	(0.291)	(0.299)	(0.289)
IP com Partido de Esquerda	1.070***	0.987***	0.998***
	(0.255)	(0.253)	(0.320)
Constante	-2.188***	-2.188***	-3.089***
	(0.223)	(0.248)	(0.318)
N	1420	1420	1420

Fonte: Elaboração própria.

Nota: \*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

Nota-se, em primeiro lugar que, ser identificado com partidos de esquerda aumenta consideravelmente as chances de pertencer ao grupo dos ideologicamente consistentes de esquerda, para todas as dimensões - mesmo quando controlado por todos os controles e também pelas outras hipóteses. Tal resultado vai ao encontro do que foi predito teoricamente, já que se espera que os partidos forneçam para seus eleitores os elementos para que construam sua visão de mundo político, bem como pistas sobre quais posições assumir. Além disso, assim como previsto teoricamente, aqueles mais participativos também têm mais chances de serem ideologicamente alinhados, ao menos na dimensão da segurança pública. Curiosamente, porém, a escolaridade não se mostrou associada ao alinhamento ideológico em nenhuma dimensão e, no caso da consistência na dimensão econômica, ele revelou até um efeito negativo – indicando que são os menos escolarizados que mais se aproximam do ideário intervencionista e de auxílio social da esquerda. Além disso, os controles também chamam atenção. Em primeiro lugar, chama atenção que as mulheres têm, em todas as

dimensões mais chances de serem ideologicamente alinhadas que os homens e que os protestantes – em relação aos católicos – têm menos chances de serem de esquerda nos costumes.

TABELA 3– Coeficientes de regressão logística para as chances de ter alinhamento ideológico na direita.

Variáveis independentes	Alinhamento de direita		
	Econômica	Costumes	Segurança
Homem	0.087	0.769***	0.833***
	(0.488)	(0.207)	(0.206)
Cor Negra	-0.618	-0.522**	-0.247
	(0.508)	(0.226)	(0.249)
Cor Outras	-0.626	-0.647	-0.054
	(1.121)	(0.401)	(0.444)
Religião Outras	-2.180**	-0.177	0.196
	(1.035)	(0.298)	(0.241)
Religião Protestante	-0.449	0.913***	0.107
	(0.627)	(0.219)	(0.283)
Entrou na Universidade	0.137	-0.958**	-0.265
	(0.562)	(0.457)	(0.398)
Interesse por Política	1.349***	-0.095	0.407*
	(0.467)	(0.304)	(0.243)
Part. Protesto	-0.479	-0.847**	0.328
	(0.634)	(0.331)	(0.307)
IP com Partido de Direita	0.953*	0.714**	1.683***

	(0.540)	(0.310)	(0.298)
Constante	-3.871***	-2.637***	-3.106***
	(0.593)	(0.264)	(0.302)
N	1420	1420	1420

Fonte: Elaboração própria.

Nota: \*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

No campo da direita, os resultados foram parecidos. Embora nem todas as hipóteses tenham se confirmado, há algumas semelhanças interessantes. Em primeiro lugar, que a identidade partidária com partidos de direita está positivamente associada com o alinhamento ideológico nas três dimensões (embora apenas a 90% de confiança no caso da dimensão econômica). Além disso, o interesse por política também está associado ao maior alinhamento, no caso da dimensão econômica e da segurança pública. Curiosamente, porém, a escolaridade não se mostrou associada ao alinhamento em nenhuma das dimensões. No caso, são os menos escolarizados que têm mais chances de serem os direitistas conservadores. Além disso, a variável que mede o engajamento político também apresentou coeficientes de regressão diferentes do esperado. Os menos participativos são os que têm mais chances de serem direitistas conservadores.

Essa discrepância entre os resultados que encontramos e a teoria demonstra que, não são apenas variáveis cognitivas ou motivacionais que explicam a posse de determinados sistemas de crenças, mas que outras variáveis talvez contribuam para explicá-las. No caso da escolaridade, é amplamente relatada a associação de mais alta escolaridade com posições mais progressistas, o que talvez explique que o alinhamento à direita conservadora se associe mais à baixa do que à alta escolaridade. Por fim, cumpre notar os coeficientes de alguns controles. Em especial, chama atenção que os homens tendam a terem mais chances de serem direitistas na dimensão dos costumes e da segurança, exatamente o contrário do que ocorre no caso da esquerda.

### 3.3 Conclusões

Esses resultados mostram a força de variáveis de nível individual no rol de explicações para o alinhamento ideológico, mesmo em contextos de maior saliência política que, em tese, facilitam a compreensão ideológica da política para o eleitor menos sofisticado. São poucos

os eleitores profundamente ideológicos, cujas crenças expressam a clivagem programática entre uma direita punitivista, conservadora e ultraliberal na economia e uma esquerda que seja o oposto. Além disso, esses eleitores tendem a possuir certos atributos cognitivos e motivacionais raros, além de determinadas características sociodemográficas, que facilitam a aquisição dessas posições. Dentre eles se destacam a identificação partidária, o interesse por política e a participação.

Assim, diferentemente do que uma análise mais superficial possa levar a crer, não estamos tão profundamente ideológicos e nem tão divididos assim. Confirmou-se a Hipótese 1.1, de que os eleitores ideológicos de esquerda ou direita são minoria e também as hipóteses 1.3, 1.4 e 1.5, de que esses eleitores tendem a ser os mais interessados por política, aqueles com identificação partidária e aqueles mais participativos e engajados. Apesar disso a hipótese 1.2, de que eles seriam também os mais escolarizados, não se confirmou.

## **4 DIMENSÕES E DETERMINANTES DO VOTO IDEOLÓGICO PARA PRESIDENTE EM 2018**

No capítulo anterior, vimos que apenas uma minoria dos eleitores brasileiros é consistente com o que postulam a parte mais radicalizada dos grupos de esquerda e de direita nas áreas de economia, costumes e segurança pública. Vimos, também, que as variáveis de nível individual como interesse por política, identificação partidária e engajamento com a política ainda explicam, em grande medida, o nível de estruturação ideológica desses eleitores. Por fim, discutimos que isso ocorre à despeito da maior relevância da ideologia sobre o comportamento político dos brasileiros (FUKS; MARQUES, 2020), que marcou um ponto de virada no antigo período de declínio dessa relação nas eras de gestão petista (CARREIRÃO, 2007).

Neste capítulo, partimos da constatação de que o voto esteve de fato mais relacionado com a ideologia nas eleições de 2018, como mostram Fuks e Marques (2020), mas buscamos matizar esses achados. Nosso objetivo aqui é tentar dimensionar o alcance social desse voto ideológico e testar um conjunto de hipóteses sobre algumas variáveis associadas a ele. Em outras palavras, buscamos descobrir quantos eleitores brasileiros podem, de fato, ter feito um voto ideológico em 2018. Nossas hipóteses testadas, na linha do que apresentamos no capítulo 2, foram de que apenas uma minoria dos eleitores votou ideologicamente orientada (H: 2.1), de que a escolaridade (H: 2.2), o interesse por política (H: 2.3), a identificação partidária (H: 2.4) e o engajamento político (H.2.5) ainda são atributos que explicam esse voto, mesmo no atual contexto de reideologização.

### **4.1 Medindo o voto ideológico em 2018**

Para medir sua extensão e testar nossas hipóteses sobre o voto ideológico para presidente em 2018, buscamos criar um indicador sensível à associação entre a opção eleitoral e as posições ideológicas do eleitor, tanto em sua versão simbólica, que é a da sua autolocalização, como em relação às dimensões operacionais da ideologia, isso é: a dimensão econômica, de costumes e segurança pública. Isso nos leva a dois tipos de medidas básicas para o que chamamos de voto ideológico: o voto ideológico relacionado à ideologia simbólica e o voto relacionado à ideologia operacional, ou seja, a um conjunto de posições dos eleitores em relação a temas polêmicos que expressam a clivagem entre esquerda e direita no país, tal como discutimos na seção teórica.



O voto ideológico simbólico é, portanto, a associação entre a autolocalização ideológica e o voto, de modo que voto ideológico é aquele voto em que, ao se votar em um dos candidatos na eleição de 2018, tanto o eleitor como o candidato estão do mesmo lado do espectro ideológico. Em termos de operacionalização da variável, isso significa que alguém poderá ter tido um voto ideológico na medida em que, ao votar na esquerda (ou direita) o eleitor declara-se de esquerda (ou direita). Desta forma, um voto não ideológico em candidatos da esquerda seria o de alguém que votasse na esquerda e se classificasse como de centro, direita ou não se autolocalizasse.

No mesmo sentido, é possível identificar tipos de votos ideológicos em relação à ideologia operacional, ou seja, votos que podem expressar determinados valores dos eleitores em relação a determinados temas que dividem esquerda e direita no país. Por exemplo, consideramos como voto ideológico conservador, um voto na direita que esteja associado a posições conservadoras em relação aos costumes. Na mesma linha de raciocínio, pode se encontrar como voto ideológico punitivista, quando, ao votar na direita o indivíduo adere a uma política de aumento das penas e um voto neoliberal quando, ao votar na direita, o indivíduo apoia uma agenda mais pró-mercado no plano econômico. Da mesma forma, é possível considerar como um voto operacionalmente igualitário, progressista ou anti-punitivista, o voto daqueles que, ao votarem na esquerda, estão, respectivamente, mais à esquerda na dimensão econômica, na dimensão dos costumes ou na dimensão da segurança pública.

Com isso em mente - e como a carga fatorial de cada variável foi quase idêntica em relação à dimensão que compõe - escolhemos a variável que mais expressasse teoricamente a dimensão latente revelada em cada uma das nossas três dimensões ideológicas, com ela, então, construímos nossas variáveis de voto ideológico<sup>10</sup> usando a tabela abaixo:

QUADRO 4– Tipos de Votos Ideológicos e Suas Operacionalizações

<b>Ideologia</b>	<b>Redação das perguntas</b>	<b>Tipos de voto</b>	<b>Tipos de voto</b>
------------------	------------------------------	----------------------	----------------------

<sup>10</sup> Além de definir critérios que permitissem capturar a posição ideológica dos eleitores para determinar a sua possível associação com o voto, também foi necessário classificar as candidaturas que concorreram em 2018. Quanto à classificação das candidaturas, como dispunhamos, no Lapop 2019, apenas do resultado dos votos no primeiro turno, nos baseamos no critério de classificação dos partidos empregado por Fuks e Marques (2020), de modo que foram consideradas candidaturas de esquerda os candidatos Boulos (Psol), Haddad (PT), Ciro Gomes (PDT) e Marina Silva (Rede) e de direita os candidatos Alckimin (PSDB), Jair Bolsonaro (PSL), João Amoedo (Novo), Alvaro Dias (Podemos) e Cabo Daciolo (Patriota). Os demais candidatos que participaram da eleição não tiveram a necessidade de serem classificados, pois a amostra do Lapop de 2019 não encontrou eleitores de nenhum deles.

		<b>ideológico na esquerda</b>	<b>ideológico na direita</b>
Ideologia Simbólica	L1. Agora, para mudar de assunto. Nesse cartão há uma escala, de 1 a 10, na qual o número 1 significa “esquerda” e o 10 significa “direita”. Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita. De acordo com o sentido político que os termos “esquerda” e “direita” têm para o(a) sr./sra, onde o(a) sr./sra. se situa nesta escala?  Escala: 1 (Esquerda) à 10 (Direita).	Voto Simbólico de Esquerda.  Pessoas que se autolocalizaram entre 1 e 3 e que votaram na esquerda.	Voto Simbólico de Direita.  Pessoas que se autolocalizaram entre 7 e 10 e que votaram na direita.
Dimensão Econômica	ROS4. O Estado brasileiro deve implementar políticas firmes para reduzir a desigualdade de renda entre ricos e pobres. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?  Escala: 1 (Discorda muito) à 7 (Concorda muito).	Voto Igualitário.  Pessoas que responderam entre 5 e 7 e que votaram na esquerda.	Voto Neoliberal.  Pessoas que responderam entre 1 e 3 e que votaram na direita.
Dimensão dos Costumes	D6. O quanto o(a) sr./sra. aprova ou desaprova que casais homossexuais tenham o direito de se casar?  Escala: 1 (Discorda muito) à 10 (Concorda muito).	Voto Progressista.  Pessoas que responderam entre um 6 e 10 e que votaram na esquerda.	Voto Conservador.  Pessoas que responderam entre um 1 e 5 e que votaram na direita.
Dimensão da Segurança Pública	CAPITAL1. O(A) sr./sra. é a favor ou contra a pena de morte para pessoas que cometeram assassinato?  (1) A favor (2) Contra.	Voto Anti-punitivista.  Pessoas que responderam que são contra e votaram na esquerda.	Voto Punitivista.  Pessoas que responderam que são favoráveis e votaram na direita

Fonte: Elaboração própria com base no Lapop 2019.

Além do estabelecimento dos tipos de votos ideológicos e dos critérios de atribuição dos casos a eles, cumpre explicar a natureza das variáveis dependentes criadas a fim de identificar os determinantes do voto ideológico em 2018. Como o objetivo é estimar a

dimensão e os condicionantes do voto ideológico, optamos por classificar os entrevistados em: (1) votantes cuja escolha esteja associada ao voto em cada um desses tipos; (2) eleitores que votaram na esquerda ou na direita sem que seu voto esteja associado àquele conteúdo ideológico específico e, por último; (3) como “outros eleitores” todos os demais que não votaram, ou, votaram em branco, nulo, ou em outros candidatos – o que nos dá uma variável categórica com 3 grupos.

Em termos práticos, isso significa, por exemplo, que na variável que operacionaliza voto conservador, aqueles que votaram na direita e ao mesmo tempo responderam entre 1 e 5 na variável D6 foram considerados como tendo feito um voto ideológico conservador, já aqueles que votaram na direita e que não responderam entre 1 e 5 na variável D6, como voto não conservador na direita. Por fim, todas as demais opções foram marcadas como “outros”. De posse dessa estratégia de classificação, utilizamos uma série de modelos de regressão logística multinomial, cuja elaboração nos permitiu comparar diretamente aqueles eleitores em que as posições ideológicas estão associadas com o voto com aqueles eleitores que votaram nos mesmos candidatos, mas que não tem aquelas atitudes ideológicas, que ficaram sendo a nossa categoria de referência. Isso significa que empregamos oito modelos multiníveis, um para cada variável dependente descrita na Tabela 6. No exemplo do voto conservador, para ilustrar a lógica empregada, o modelo multinomial nos permitiu comparar os que votaram na direita sendo conservadores com aqueles que votaram na direita sem, no entanto, serem conservadores.

Para elaborar os testes para nossas hipóteses de que o voto ideológico está associado à posse de determinados atributos cognitivos e políticos do eleitor, utilizamos a escolaridade, o interesse por política, se o eleitor tem preferência por algum partido político do espectro ideológico em que ele vota e se ele participou de manifestações de rua no ano anterior (como *proxy* de engajamento político). As perguntas e a operacionalização de cada variável são as mesmas das variáveis independentes usadas no capítulo anterior (presentes no QUADRO 3). Como controles, incluímos o sexo, a idade e a região geográfica de residência (APÊNDICE A).

Por fim, cumpre explicar duas questões associadas à variável dependente do presente estudo. A primeira delas se refere ao que chamamos de voto ideológico, que independe do pressuposto de que a ideologia tenha causado ou antecedido o voto, e sim que uma posição em relação a um *issue* das dimensões da ideologia mostrou-se associada ao voto na resposta dos entrevistados - o que pode ser feito independentemente dessa associação ser uma

racionalização posterior ou uma causa daquele voto. Uma série de estudos tem argumentado que a autolocalização ideológica de uma grande parcela dos eleitores varia em função de sua escolha eleitoral, e não o contrário (PIMENTEL; RUSSO; AVELINO, 2019; PEREIRA, 2020). Independentemente disso, a nossa hipótese é de que apenas uma minoria dos eleitores conseguiu fazer essa associação. Em realidade, mesmo que essa racionalização posterior seja o caso para muitos eleitores, acreditamos que ela depende da posse de certos atributos cognitivos ou de envolvimento com a política que não estão amplamente distribuídos.

A segunda observação também é sobre a variável dependente. Acreditamos que ela seja uma medida mais válida para medir o teto do voto ideológico, do que para expressar com fidedignidade seu real valor. Isso quer dizer que ela talvez expresse o número máximo de eleitores que fizeram os votos ideológicos em relação àquela dimensão, do que necessariamente a noção de que todos classificados tenham feito um voto ideológico. É perfeitamente plausível supor que, para alguns desses indivíduos classificados como eleitores que tenham voto associado à ideologia, a associação entre as duas variáveis de interesse (o voto e sua posição ideológica) seja decorrente de alguma coincidência ou resultado de uma associação inconsciente ou aleatória. Caso esse em que o eleitor não compreende que a posição que ele possui se relaciona com a ideologia do partido em que votou. Infelizmente, porém, é extremamente difícil diagnosticar ou mesmo eliminar esses casos. Por outro lado, por mais que esse erro de classificação possa existir, ele não compromete de todo o nosso estudo. Como o nosso objetivo é classificar os eleitores ideológicos e dimensioná-los na população, e já que a nossa hipótese seja justamente de que esses são minoritários nessa população, é melhor que nosso viés superestime do que subestime a quantidade desses eleitores, garantindo, inclusive, maior robustez aos nossos achados.

## 4.2 Resultados

Uma análise descritiva dos nossos dados revela a baixa amplitude dos tipos de voto ideológico nas eleições de 2018, confirmando a nossa hipótese H: 2.1. A tabela abaixo apresenta o percentual dos que votaram na esquerda e na direita tendo como base atitudes ideológicas detalhadas na metodologia.

TABELA 4 – Dimensões do voto ideológico nas eleições presidenciais de 2019.

Tipo de voto Ideológico	% dos que votaram	% dos que votaram	% em termos
-------------------------	-------------------	-------------------	-------------

	na esquerda	na direita	populacionais
Voto Simbólico de Esquerda	34,28	-	7,2
Voto Simbólico de Direita	-	44,74%	17
Voto Igualitário	75,23	-	15,8
Voto Neoliberal	-	13,68	5,2
Voto Progressista	61,9	-	13
Voto Conservador	-	53,4	20,3
Voto Anti-Punitivista	50	-	10,5
Voto Punitivista	-	52,89	20,1

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Lapop, 2019.

Dos eleitores da amostra que relataram ter votado na esquerda, apenas 34,28% deles fizeram um voto ideológico no nível simbólico, ou seja, votaram na esquerda e se autocalizaram como de esquerda. Dessa forma, quase 65% dos que votaram na esquerda nem sequer se autocalizavam na esquerda. Isso significa, também, que apenas 7,2% da população era, ao mesmo tempo, de esquerdistas que votaram na esquerda no primeiro turno das eleições de 2018 – menos de 1/10 do eleitorado. Já quanto aos que votaram na direita, apenas 44,74% deles eram de direita. Menos da metade dos eleitores da direita fizeram, portanto, um voto ideológico no nível simbólico. Isso significa que apenas 17% da população era composta, em 2018, de eleitores da direita ideológicos no nível simbólico. Esse é um valor bem maior que o da esquerda, mas ainda sim pouco representativo. Diante dele, é bastante complicado afirmar que os eleitores brasileiros tenham virado à direita, ao eleger Jair Bolsonaro. Na realidade, a maior parte dos eleitorados dos dois grupos de partidos eram simplesmente inconscientes ou não se envolviam no debate ideológico vigente.

Em relação à dimensão econômica, 75,23% dos que votaram na esquerda, o que representa 15,8% em termos da população de eleitores, podem ter feito um voto ideológico, ou seja, ter votado na esquerda e, ao mesmo tempo, ser favorável à adoção de políticas firmes de combate à desigualdade de renda. No campo dos eleitores da direita, alternativamente, apenas 13,68% deles, o que representa apenas 5,2% em termos da população de eleitores, era contrário à adoção de políticas firmes contra a desigualdade. Isso significa que, dos que votaram na direita, apenas 13,68% podem ter feito um voto ideológico em relação à desigualdade, ou um voto neoliberal. Tal achado coaduna com o que apresentamos no

capítulo anterior, de que é pequena a consistência dos brasileiros de direita com a agenda ultraliberal na economia. Ao mesmo tempo, vai ao encontro dos achados de Fuks e Marques (2020), de que as posições econômicas dos brasileiros não estiveram associadas com o voto em Bolsonaro da mesma forma que suas posições em relação à agenda ideológica dos costumes e da segurança pública.

Quanto ao casamento gay que, em associação ao voto, nos permite estimar um voto ideológico conservador ou progressista, os resultados caminham na mesma direção. Cerca de 61,9% dos votantes da esquerda disseram-se favoráveis ao casamento gay. Isso significa que 13% da população de eleitores era composta por eleitores da esquerda que são, na dimensão dos costumes, favoráveis ao casamento gay. Quanto ao voto conservador, 53,4% dos votantes da direita são contrários ao casamento gay. Isso significa que no máximo 20,3% da população pode ter feito um voto conservador. Apenas 1/5 da população. Por fim, 50% dos que votaram na esquerda são contrários à adoção de pena de morte para os assassinos, ou seja, cerca de 10,5% da população é composta por eleitores que podem ter feito um voto que expressou uma ideologia antipunitivista na esquerda. Quanto à direita, 52,89% de seus votantes são favoráveis à pena de morte. Isso dá cerca de 20,1% da população.

Esses resultados são interessantes, pois, mesmo que algumas vezes pareçam elevados, eles mostram que estão longe de ser o comportamento padrão do eleitor comum. Assim, somando-se os eleitores que podem ter feito votos ideológicos em cada uma das dimensões, a segurança pública pode ter dividido, no máximo 30,6% dos brasileiros, os costumes 33,3% e a questão econômica, no máximo, 21%. Analisando como o voto se relacionou com cada dimensão individualmente, vê-se facilmente que a maioria não votou orientada por essas dimensões.

Partindo de uma concepção mais exigente de voto ideológico, é importante ressaltar que apenas 2% dos eleitores é composta por pessoas de esquerda que, se autolocalizaram à esquerda, disseram que o estado deve combater a desigualdade, são a favor do casamento gay e contrários a pena de morte. Do outro lado, apenas minúsculos 0,4% dos eleitores são de eleitores simbolicamente de direita, contrários ao combate à desigualdade pelo Estado, contrários ao casamento gay e favoráveis à pena de morte. O voto, como expressão de adesão programática e ideológica a um candidato, ainda é minoritário na sociedade brasileira.

A tabela abaixo mostra os coeficientes das regressões multinomiais que fizemos, sendo que suas colunas mostram os coeficientes de cada variável independente na comparação que nos interessa, sobre a chances de votar ideologicamente na esquerda, ou seja,

ter feito um voto associado a alguma das posições ideológicas analisadas, ou de votar na esquerda sem, no entanto, manifestar aquela posição ideológica.

TABELA 5 - Coeficientes das Regressões Multinomiais para Voto Ideológico na Esquerda

	<b>Voto Ideológico simbólico na esquerda</b>	<b>Voto igualitário na esquerda</b>	<b>Voto progressista na esquerda</b>	<b>Voto anti-punitivista na esquerda</b>
<b>Estudou Mais de 12 anos</b>	-0.635	0.028	2.001***	0.221
	(0.388)	(0.422)	(0.625)	(0.354)
<b>Muito Interessado por Política</b>	0.626*	-0.077	-0.113	0.339
	(0.354)	(0.414)	(0.378)	(0.353)
<b>Pref. Partido de Esquerda</b>	0.356	0.143	-0.259	-0.157
	(0.291)	(0.330)	(0.299)	(0.281)
<b>Participou Protesto</b>	0.638	1.398**	1.767***	-0.193
	(0.394)	(0.643)	(0.576)	(0.393)
<b>Homem</b>	-0.019	0.272	-0.624**	0.074
	(0.254)	(0.276)	(0.251)	((0.241)
<b>Cor Negra</b>	0.176	0.549	0.305	-0.104
	(0.334)	(0.346)	(0.326)	(0.315)
<b>Cor outras</b>	0.309	0.228	0.464	-0.335
	(0.513)	(0.540)	(0.520)	(0.490)
<b>Religião Outras</b>	0.386	0.417	0.789**	0.620**
	(0.308)	(0.382)	(0.369)	(0.307)
<b>Religião Protestante</b>	-0.790**	-0.220	-1.028***	0.462
	(0.367)	(0.332)	(0.319)	(0.311)
<b>Centro Oeste</b>	0.197	0.344	0.584	-0.120
	(0.403)	(0.424)	(0.397)	(0.378)
<b>Norte</b>	-0.161	-0.019	-0.181	-0.379

	(0.408)	(0.391)	(0.374)	(0.371)
<b>Sudeste</b>	0.104	0.771**	0.504	-0.001
	(0.336)	(0.382)	(0.335)	(0.320)
<b>Sul</b>	0.334	0.703	1.147**	-0.343
	(0.440)	(0.503)	(0.496)	(0.431)
<b>Constante</b>	-1.094***	0.083	-0.001	-0.052
	(0.417)	(0.415)	(0.399)	(0.388)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: \* $p < 0.1$ ; \*\* $p < 0.05$ ; \*\*\* $p < 0.01$

Em relação ao voto ideológico na esquerda, os resultados vão na direção esperada. Aqueles mais interessados por política têm, em relação aos desinteressados, maiores chances de votarem na esquerda e serem de esquerda do que de votarem na esquerda e serem de centro ou direita. Quanto ao voto igualitário na esquerda, os eleitores mais engajados e participativos tiveram, em comparação aos demais, mais chances de votarem na esquerda e serem favoráveis à adoção de políticas firmes de combate à desigualdade, do que de votar na esquerda sendo contrários a essas políticas. No caso do voto progressista, são também os mais participativos e os mais escolarizados que apresentam mais chances de votar na esquerda e serem, ao mesmo tempo, favoráveis ao casamento homossexual do que votarem na esquerda e serem conservadores. Por fim, quanto ao voto antipunitivista, os modelos não permitiram comprovar nenhuma associação entre nossas hipóteses e o voto ideológico, porém, assim como nas outras dimensões, aqui também se apresentaram alguns efeitos interessantes dos controles.

Grupos religiosos minoritários no país (a categoria outros na nossa variável de religião) têm mais chances de fazerem um voto antipunitivista e progressista que os católicos. Além disso, chama atenção que os evangélicos também tiveram menos possibilidade que os católicos de fazerem votos simbólicos de esquerda, assim como votos progressistas. Tais resultados são interessantes por mostrar que a religião diferencia ideologicamente os eleitores de esquerda e que evangélicos têm, de forma geral, votos menos ideológicos na esquerda nessas dimensões. A região também parece ser outra variável importante na relação entre voto e ideologia daqueles eleitores que votaram em candidatos de esquerda, no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018. No caso, os eleitores do nordeste, forte reduto eleitoral do petismo, tiveram menos possibilidade de fazerem um voto igualitário que os do Sudeste e um



voto progressista que os eleitores da esquerda sulistas. Por fim, o sexo também parece diferenciar os eleitores. Mulheres tiveram, mais possibilidade que os homens de fazerem um voto progressista ao votarem na esquerda.

E quanto à direita? A TABELA 6 abaixo apresenta os coeficientes dos modelos multinomiais empregados comparando, mais uma vez, os que votaram ideologicamente na direita àqueles que votaram na direita sem a atitude ideológica correspondente.

TABELA 6 - Coeficientes das Regressões Multinomiais para Voto Ideológico na Direita

	<b>Voto Ideológico simbólico na Direita</b>	<b>Voto neoliberal na Direita</b>	<b>Voto Conservador na Direita</b>	<b>Voto Punitivista na Direita</b>
<b>Estudou Mais de 12 anos</b>	0.267	0.140	-0.814***	-0.305
	(0.260)	(0.355)	(0.274)	(0.261)
<b>Muito Interessado por Política</b>	0.842***	-0.240	0.138	0.399
	(0.244)	(0.357)	(0.248)	(0.246)
<b>Pref. Partido de Direita</b>	0.929***	0.052	-0.614**	0.580**
	(0.276)	(0.380)	(0.281)	(0.278)
<b>Participou Protesto</b>	0.026	-0.484	0.079	-0.327
	(0.296)	(0.472)	(0.300)	(0.290)
<b>Homem</b>	0.131	0.022	0.205	0.379**
	(0.180)	(0.250)	(0.182)	(0.179)
<b>Cor Negra</b>	-0.352*	0.044	-0.225	-0.004
	(0.199)	(0.274)	(0.202)	(0.199)
<b>Cor outras</b>	-0.308	-1.835*	0.544	-0.599
	(0.380)	(1.038)	(0.405)	(0.377)
<b>Religião Outras</b>	0.186	-0.426	-0.522*	-0.200
	(0.259)	(0.381)	(0.270)	(0.260)
<b>Religião Protestante</b>	0.033	-0.357	1.194***	-0.789***
	(0.196)	(0.274)	(0.207)	(0.196)

<b>Centro Oeste</b>	0.350	0.044	-0.423	-0.126
	(0.326)	(0.414)	(0.329)	(0.318)
<b>Norte</b>	0.130	-0.401	0.257	0.284
	(0.328)	(0.437)	(0.340)	(0.317)
<b>Sudeste</b>	0.515*	-0.470	-0.640**	0.158
	(0.289)	(0.388)	(0.290)	(0.282)
<b>Sul</b>	0.078	-0.109	- 0.806**	-0.226
	(0.328)	(0.422)	(0.327)	(0.319)
<b>Constante</b>	-0.769**	-1.315***	0.406	0.211
	(0.328)	(0.423)	(0.327)	(0.320)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: \*p<0.1; \*\*p<0.05; \*\*\*p<0.01

No caso do voto ideológico simbólico, aqueles que declararam ter muito interesse por política em comparação aos desinteressados, aqueles com preferência por partido de direita em referência aos demais, os brancos em comparação aos negros e os moradores do sudeste em relação aos nordestinos, tiveram, todos, mais chances de fazerem voto ideológico na direita, do que voto não ideológico na direita. Quanto ao voto conservador na direita, os evangélicos tiveram, mais que os católicos, maiores possibilidades de votarem na direita sendo conservadores, o que indica mais uma vez a influência da religião sobre o comportamento ideológico no Brasil. Da mesma forma se comportaram os nordestinos em relação aos moradores do sudeste e sulistas. Curiosamente, porém, o coeficiente de algumas variáveis vai no sentido oposto do teoricamente predito. É o caso da escolaridade e dos partidários da direita. Aqueles que não entraram na universidade e os grupos não partidários da direita tiveram mais chances de fazerem um voto conservador do que votarem na direita sendo progressistas.

Por fim, quanto ao voto punitivista, mais uma vez o partidarismo parece ser uma variável importante. Aqueles com identidade partidária à direita tiveram mais chances que os demais eleitores de votarem na direita sendo favoráveis à pena de morte, do que de votarem na direita e serem contrários. Um efeito também encontrado para os católicos em relação aos

protestantes e para os homens em relação às mulheres. Curiosamente, porém, nenhuma das variáveis escolhidas por nós apresentou coeficiente estatisticamente significativa para o voto neoliberal.

### 4.3 Conclusões

Tomados sob uma perspectiva geral, os resultados das análises quantitativas desse capítulo indicam que os tipos de votos ideológicos na esquerda estão associados ao interesse por política, à escolaridade e à participação em protestos. Na direita, à exceção do voto conservador, os determinantes são os mesmos. Assim, mesmo que essas variáveis nem sempre tenham se mostrado associadas ao voto ideológico em todas as dimensões, elas demonstram que as variáveis de nível individual que a literatura associa com o voto ideológico foram determinantes sobre o quão ideológico foi o voto dos eleitores brasileiros. Um efeito que se manteve substantivo mesmo no contexto de maior polarização, que favorece, em tese, o crescimento do comportamento ideológico dos eleitorados. Confirmam-se, dessa forma, nossas hipóteses H: 2.1, H: 2.2, H2.3, H: 2.4 e H: 2.5. Abaixo, os quadros 2 e 3 resumizam os achados referentes às hipóteses:

QUADRO 5 - Determinantes do Voto Ideológico em Candidatos de Esquerda

Esquerda Simbólica	Interesse por política
Voto Igualitário	Participação em Protestos
Voto Progressista	Escolaridade Participação em Protestos
Voto Anti-Punitivista	Participação em Partidos e/ou movimentos sociais

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 6 - Determinantes do Voto Ideológico em Candidatos de Esquerda

Direita Simbólica	Interesse por política Preferência partidária por partidos de direita
-------------------	--

Voto Desigualitário	-----
Voto Conservador	Baixa Escolaridade Ausência de preferência partidária pela direita
Voto Anti-Punitivista	Preferência partidária por partidos de direita

Fonte: Elaboração própria.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como prevê a teoria (LEVENDUSKY, 2010; DALTON, 2011; SINGER, 2016), Fuks e Marques (2020) demonstraram que existem fartas evidências de que o contexto político brasileiro tem possibilitado um maior nível de compreensão ideológica da política pelos eleitores. Tem se alterado, portanto, o cenário anteriormente descrito, de diluição da associação entre ideologia e comportamento político (CARREIRÃO, 2007). Nesta dissertação, todavia, buscamos matizar um pouco essa descoberta.

Nossos resultados indicaram que, mesmo em um ambiente informacional marcado pelo debate e exposição das posições ideológicas, viabilizado pela reorganização da direita (FUKS; MARQUES, 2020; QUADROS; MADEIRA, 2018; AVRITZER, 2017; ALONSO, 2017; MELO; CÂMARA; SANTOS, no prelo; PENTEADO; LERNER, 2018; MESSEMBERG, 2017), a teoria que prediz que o pensamento ideológico é socialmente minoritário e determinado por variáveis cognitivas e de atenção e exposição ao discurso ideológico das elites mostrou-se válida (CONVERSE, 2006; SNIDERMAN; BRODY; TETLOCK, 1991; BOX-STEFFENSMEIER; DE BOEF, 2001; LUSKIN, 1990; ZECHMEISTER; CORRAL, 2013; ZALLER, 1992).

Ainda são minoritários os grupos de eleitores que podem ser considerados como consistentes ou alinhados programaticamente às agendas de esquerda e direita postas no cardápio ideológico nacional. Além disso, mostramos que é minoritária a taxa de votantes que podem ter feito votos ideológicos nas eleições presidenciais de 2018. Por fim, vimos que os determinantes do pensamento e do voto ideológico são bem específicos e seguem a teoria. Em geral, são os mais escolarizados, os partidários, os mais participativos e os mais interessados por política que conseguem absorver e processar o discurso das elites de modo a votarem orientados por um dos polos do continuum ideológico.

Indo um pouco além do debate teórico, esta dissertação também buscou elevar a compreensão do período atual que o país vive, especialmente durante a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Para além dos discursos radicalizados da extrema direita e da polarização percebida no dia a dia, demonstramos que a maioria dos brasileiros não pode ser considerada muito ideológica, nem no espectro da esquerda e nem no da direita. Assim, em que pesem as maiores taxas de autolocalização, poucos parecem de fato compreender até que ponto esses rótulos se diferenciam em termos programáticos, ou mesmo eleitorais. Tudo isso indica que podemos ter, no Brasil, uma polarização de natureza mais afetiva e simbólica do que propriamente ideológica. Os brasileiros estão mais ideológicos, mas nem tanto.

Em nível do debate teórico que opõem os que acreditam a ideologia ser uma dimensão importante do comportamento políticos da maioria cidadãos brasileiros (SINGER, 2000; SILVA, 2019; IZUMI, 2019) àqueles que julgam-na não ser (REIS, 1978; 1988; 2017; OLIVEIRA; TURGEON, 2015; BORGES; VIDIGAL, 2018; SAMUELS; ZUCCO, 2018; PIMENTEL; RUSSO; AVELINO, 2019; PEREIRA, 2020), mais uma vez afirmamos sobre a relatividade dessa questão. Ela depende do contexto, como apontaram Fuks e Marques (2020), mas ela depende também sobre qual o perfil de eleitor de que estamos falando. A ideologia importa na política é claro, mas o quanto ela importa depende da conjuntura geral, principalmente da forma como as elites políticas a transmite para os eleitores. E depende, também, do perfil individual de cada eleitor. Quanto mais atento, sofisticado, exposto e engajado com o mundo político esse eleitor for, mais chances ele terá de considerar a ideologia como um fator preponderante sobre a forma como ele estrutura suas crenças e seu voto.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWITZ, A. I. *The Disappearing Center: Engaged Citizens, Polarization, and American Democracy*. New Haven, London: Yale University Press, 2010.
- ADCOCK, Robert; COLLIER, David. Measurement validity: A shared standard for qualitative and quantitative research. *American Political Science review*, vol. 95, n. 3, p. 529-546, 2001.
- ALONSO, A. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*, São Paulo, vol. 37, n.1, p. 49-58, jun. 2017.
- AVRITZER, L. Participation in democratic Brazil: from popular hegemony and innovation to middleclass protest. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 23, n. 1, p. 43-59, abr. 2017.
- BENNETT, S. Democratic competence, before Converse and after. *Critical Review*, N. 18, p. 105-42, 2006.
- BISHOP, George F.; OLDENICK, Robert W.; TUCHFARBER, Alfred J.; BENNETT, Stephen E. The Changing Structure of Mass Belief Systems: Fact or Artifact? *Journal of Politics*, vol. 40, p. 781-787, 1978.
- BOBBIO, N. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- BONIFÁCIO, R.; CASALECCHI, G.; FREITAS, V. Ideologia e voto nas Eleições presidenciais brasileiras. In: BONIFÁCIO, R.; CASALECCHI, G.; DEUS, C. (Org.). *O voto para presidente no Brasil: condicionantes e fatores explicativos (1989-2010)*. Curitiba: Editora Íthala, 2014. p. 285-316.
- BORGES, A.; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 24, n. 1, p. 53-89, jan.-abr. 2018.
- BOX-STEFFENSMEIER, Janet M.; DE BOEF, Suzanna. Macropartisanship and Macroideology in the Sophisticated Electorate. *Journal of Politics*, vol. 63, n. 1, p. 232-48, 2001.
- CAMPBELL, A.; CONVERSE, P.; MILLER, W.; STOKES, D. *The American voter*. New York: John Wiley, 1960.
- CARMINES, E. G.; D'AMICO, N. J. The New Look in Political Ideology Research. *Annual Review of Political Science*, vol. 18, p. 205-216, dez. 2015.
- CARMINES, E.; STIMSON, J. Issue Evolution, Population Replacement, and Normal Partisan Change. *The American Political Science Review*, vol. 75, n. 1, p. 107-118, 1981.
- CARMINES, G. E.; ENSLEY, M. J.; WAGNER, M. W. Who Fits the Left-Right Divide? Partisan Polarization in the American. *American Behavioral Scientist*, Madison, vol. 56, n. 12, p. 1631-1653, out. 2012a.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Political Ideology in American Politics: One, Two or None? *The Forum*, [S. 1.] vol. 10, n. 3, p. 1-18, out. 2012b.

CARREIRÃO, Y. S. A decisão do voto nas eleições presidenciais do Brasil (1989 a 1998): a importância do voto por avaliação de desempenho. 2000. 267 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARREIRÃO, Y. S. Identificação ideológica e voto para presidente. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 8, n. 1, p. 54-79, 2002.

CARREIRÃO, Y. S. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, n. 2, p. 307-339, nov. 2007.

CARREIRÃO, Y. S. O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente. *Revista Brasileira de Ciência Política*, [on-line], n.14, p. 255-295, 2014.

CONVERSE, P. The Nature of Belief Systems in Mass Publics. *Critical Review*, London, vol. 18, n. 1-3, p. 1-74, [1964] 2006.

DALTON, R. J., Left-Right Orientations, Context, and Voting Choices. In: \_\_\_\_\_. ANDERSON, C. J. (Ed.) *Citizens, Context, and Choice: How Context Shapes Citizens' Electoral Choices*, New York: Oxford University Press, p. 103-125, 2011.

DELLI CARPINI, M. X.; KEETER, S. *What Americans Know About Politics and Why It Matters*. New Haven, CT: Yale Univ. Press, 1986.

Downs, A. *An Economic Theory of Democracy*. New York: Harper & Row, 1957.

ELLIS, C.; STIMSON, J. A. *Ideology in America*. New York: Cambridge University Press, 2012.

ENSLEY, M. Candidate divergence, ideology and vote choice in the U.S. Senate Elections. *American Politics Research*, vol. 35, p. 103–22, 2007.

FREE, L; CANTRIL, H. *The Political Beliefs of Americans*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press. 1967.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018. *Opinião Pública*, [online], vol. 26, n. 3, p.401-430, 2020.

IZUMI, M. I. Ideologia, sofisticação política e voto no Brasil. *Opinião Pública*, [on-line], vol. 25, n.1, p. 29-62, 2019.

JOST, John T.; FEDERICO, Christopher M.; NAPIER, Jaime L.. Political Ideology: Its Structure, Functions, and Elective Affinities. *Annual Review of Psychology*, vol. 60, p. 307–37, 2009.



KITSCHOLT, H.; HAWKINS, K. A.; LUNA, J. P.; ROSAS, G.; ZECHMEISTER, E. J. *Latin American party systems*. New York, NY: Cambridge University Press, 2010.

LACHAT, R. The impact of party polarization on ideological voting. *Electoral Studies*, Londres, vol. 27, n. 4, p. 687–698, 2008.

LAMOUNIER, B. O Voto em SP: 1970-1978. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Voto de Desconfiança: Eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 15-80.

LAU, R. R.; REDLAWSK, D. Advantages and disadvantages of cognitive heuristics in political decision-making. *American Journal of Political Science*, vol. 45, n. 4, p.951-71, 2001.

LAVINE, H.; GSCHWEND, T. Issues, party and character: the moderating role of ideological thinking on candidate evaluation. *British Journal of Political Science*, vol. 37, n. 1, p.139-63, 2006.

LAYMAN, G. C.; CARSEY, T. M. Party Polarization and Party Structuring of Policy Attitudes: A Comparison of Three NES Panel Studies. *Political Behavior*, Berlim, vol. 24, p. 199-236, set. 2002.

LEVENDUSKY, M. S. Clearer Cues, More Consistent Voters: A Benefit of Elite Polarization. *Political Behavior*, Berlim, vol. 32, n. 1, p. 111-131, mar. 2010.

LUSKIN, R. Explaining political sophistication. *Political Behavior*, vol. 12, p. 331–61, 1990.

MAINWARING, S.; TORCAL, M. Party System Institutionalization and Party System Theory after the Third Wave of Democratization. In: KATZ, R. S.; CROTTY, W. *Handbook of Party Politics*. London: Sage Publications, 2006. p. 204–227.

MARQUES, P. H. Dimensão e Determinantes do Pensamento Ideológico entre os Brasileiros. *Agenda Política*, v. 8, n. 1, p. 78–105, 2020.

MELO, C. R.; CÂMARA, R.; SANTOS, M. What ideology can tell us? An analysis of deputies and parties in the Brazilian, Chilean and Uruguayan legislatures. In: ALCÂNTARA, S.; Montero, M. G.; Rivas, C. (Org.). *Studying political elites in Latin America*. Boulder: Editora Springer. No prelo.

NIE, N. H.; ANDERSEN, K. Mass Belief Systems Revisited: Political Change and Attitude Structure. *The Journal of Politics*, Atlanta, vol. 36, n. 3, p. 540-591, ago. 1974.

NIE, N. H.; RABJOHN, J. A. Revisiting Mass Belief Systems Revisited: or, Doing Research is Like Watching a Tennis Match, *American Journal of Political Science*, Bloomington, vol. 23, n. 1, p. 139-175, fev. 1979.

OLIVEIRA, C.; TURGEON, M. Ideologia e comportamento político no eleitorado brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 21, n. 3, p. 574-600, dez. 2015.

PENTEADO, C.; LERNER, C. A Direita na Rede: Mobilização Online no Impeachment de Dilma Rousseff. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, abr. 2018.

PIMENTEL, J.; RUSSO, G.; AVELINO, G. Bolsonaro se diz de direita e você? *Jota*, [online] 31 out. 2019. Cepesp. Disponível em: <[https://www.jota.info/paywall?redirect\\_to=//www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/cepesp/bolsonaro-se-diz-de-direita-e-voce-31102019](https://www.jota.info/paywall?redirect_to=//www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/cepesp/bolsonaro-se-diz-de-direita-e-voce-31102019)> Acesso em: 10 fev. 2021.

QUADROS, M. P. R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 24, n. 3, set.-dez. 2018.

REIS, F. W. Identidade, Política e a Teoria da Escolha Racional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 3, n. 6, fev. 1988.

\_\_\_\_\_. A razão do eleitor. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 set. 2000. Jornal de Resenhas. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs0909200003.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Classe Social e Opção Partidária: As eleições de 1976 em Juiz de Fora. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 218-287.

PEREIRA, F. B. Non causa pro causa: o voto de direita e esquerda no Brasil. *Opinião Pública*, vol. 26, n. 2, p. 154-179, maio/ago. 2020.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. *Opinião Pública*, vol. 17, n. 2, p. 333-368, 2011.

RIBEIRO, P. F. An Amphibian Party? Organisational Change and Adaptation in the Brazilian Workers' Party, 1980–2012. *Journal of Latin American Studies*, vol. 46, n. 1, p. 87-119, 2014.

ROCHA, C. ‘Menos Marx, Mais Mises’: Uma Gênese Da Nova Direita Brasileira (2006-2018). 233 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. *Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans: Voting Behavior in Brazil*. New York: Cambridge University Press, 2018.

SILVA, T. M. Nem tão “Flamengo”: questões de posição e o voto no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 27, n. 69, Curitiba, p. 1-22, 2019.

SINGER, M. “lite Polarization and the Electoral Impact of Left-Right Placements: Evidence from Latin America, 1995–2009. *Latin American Research Review*, Pittsburgh, vol. 51, n. 2, p. 174-194, 2016.

SINGER, A. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo: Edusp, 2000.

SNIDERMAN, P. M.; BRODY, R. A.; TETLOCK, P. E. *Reasoning and Choice*. New York: Cambridge University Press, 1991.

STIMSON, J. Belief Systems: Constraint, Complexity, and the 1972 Election. *American Journal of Political Science*, Bloomington, vol. 19, n. 3, p. 394-417, 1975.

ZALLER, John. *The Nature and Origins of Mass Opinion*. New York: Cambridge University Press, 1992.

ZECHMEISTER, E. What's left and who's right? A Q-method study of individual and contextual influences on the meaning of ideological labels. *Political Behavior*, vol. 28, n 2, p. 151-173, 2006.

ZECHMEISTER, E.; CORRAL, M. Individual and contextual constraints on ideological labels in Latin America. *Comparative Political Studies*, vol. 46, n. 6, p. 675-701, 2013.

ZUCCO JÚNIOR, C. Esquerda, direita e governo. A ideologia dos partidos políticos brasileiros. In: POWER, T.; \_\_\_\_\_. (Org.). *O Congresso por Ele Mesmo: Autopercepções da classe política brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 37-60.

## APÊNDICE A

Variáveis independentes dos modelos de regressão dos capítulos 2 e 3.

Variáveis	Código e redação original	Categorização empregada
<b>Universidade</b>	ED. Qual foi o último ano ou série da escola que o(a) sr./sra. concluiu com aprovação? _____ Ano do _____ (primário, secundário, universidade, superior não-universitário)	Estudou 12 anos ou mais
<b>Interesse por política</b>	POL1. O quanto o(a) sr./sra. se interessa por política: muito, algo, pouco ou nada? <sup>11</sup> (1) Muito (2) Algo (3) Pouco (4) Nada	Muito interessado contra o resto.
<b>Partido</b>	VB11. Com qual partido o(a) sr./sra. simpatiza? [NÃO LER ALTERNATIVAS] (1501) PT (Partido dos Trabalhadores) (1502) PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) (1503) PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) (1504) PSB (Partido Socialista Brasileiro) (1505) DEM (DEMOCRATAS) (1506) PC do B (Partido Comunista do Brasil) (1507) PPS (Partido Popular Socialista) (1508) PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) (1509) PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) (1510) PP (Partido Progressista) (1511) PL (Partido Liberal) (1512) PV (Partido Verde) (1513) PDT (Partido Democrático Trabalhista) (1514) PSL (Partido Social Liberal)	Nos modelos em que se testa a consistência da esquerda, usam-se todas as demais opções como zero e ter identidade partidária com partido de esquerda como 1.  Nos modelos em que se testa a consistência da direita, usam-se todas as demais opções como zero e ter identidade partidária com partido de direita como 1.  Foram considerados partidos de esquerda: PT, PSOL, PCdoB e PSB.  Foram considerados partidos de direita: PSDB, DEM, PTB, PP, PSL e NOVO.

<sup>11</sup> No ano de 2019, essa pergunta foi submetida a um experimento em que a opção 2 foi substituída por “Mais ou Menos”. Em nossa categorização juntamos os dois grupos de tratamento e como consideramos como interessados apenas os que escolheram a opção 1, esse experimento não afetou nosso modelo.

	(1515) NOVO (Partido Novo) (1577) Outro	
<b>Participou de Protesto</b>	<p>PROT3. Nos últimos doze meses, o(a) sr./sra. participou de alguma manifestação ou protesto público?</p> <p>(1) Sim (2) Não (888888) Não sabe [NÃO LER] (988888) Não responde [NÃO LER]</p>	<p>Não (referência)</p> <p>Sim</p>
<b>Sexo</b>	Q1. Anotar sem perguntar.	<p>Mulher (referência)</p> <p>Homem</p>
<b>Religião</b>	<p>Q3CN. Qual a sua religião, se tiver? [Não leia as alternativas] [Se o entrevistado diz que não tem religião, explore para identificar se o entrevistado pertence à alternativa 4 ou 11] [Se o entrevistado diz "Cristão" ou "Evangélico", explore para verificar se é católico (opção 1), pentecostal (opção 5) ou evangélico não-pentecostal (opção 2). Se não tiver certeza, selecione (2).] (01) Católico [Siga] (02) Protestante Tradicional ou Evangélica não pentecostal (Batista, Calvinista, Luterano, Metodista, Presbiteriano, Discípulo de Cristo, Anglicano, Episcopal, Igreja Cristã Reformada, Igreja Morava, Menonita, Irmãos em Cristo; Igreja do Nazareno) [Siga] (03) Outra religião oriental não cristã (Muçulmano, Budista, Induísta, Taoísta, Confuciano, Baha'i) [Siga] (05) Evangélica pentecostal (Pentecostal, Igreja de Deus, Assembleias de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular, Igreja de Cristo, Congregação Cristã,</p>	<p>Católico (referência)</p> <p>Outras respostas</p> <p>Protestante (2 ou 5)</p>

	<p>Adventista, Adventista de Sétimo Dia, Sara Nossa Terra, Carismático não Católico, Bola de Neve etc.) [Siga]</p> <p>(07) Religiões Tradicionais ou nativas (Santeria, Candomblé, Umbanda, Vodou, Rastafari, religiões mayas, Santo Daime, Esotérica) [Siga]</p> <p>(1501) Espírita kardecista [Siga]</p> <p>(04) Nenhuma (Acredita em uma entidade suprema mas não pertence a religião nenhuma) [Siga]</p> <p>(11) Agnóstico ou ateu/não acredita em Deus [VÁ PARA Q5B]</p> <p>(77) Outra [Siga]</p> <p>(888888) Não sabe [NÃO LER] [Siga]</p> <p>(988888) Não responde [NÃO LER] [Siga]</p>	
<b>Cor</b>	<p>ETID. O(A) sr./sra. se considera uma pessoa branca, negra, parda, indígena ou amarela?</p> <p>[Se diz Afro-brasileira, codificar como (4) Negro (Preta)]</p> <p>(1) Branca (3) Indígena (4) Negro (Preta) (5) Pardo</p> <p>(1506) Amarela (7) Outra</p> <p>(888888) Não sabe [NÃO LER]</p> <p>(988888) Não responde [NÃO LER]</p>	<p>Branco (referência)</p> <p>Negra (4 e 5)</p> <p>Outra (7, 3 e 1506)</p>